

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Instrução da S. Sagrada Congregação do Santo Ofício sobre a "Ética da Situação"	449
Carta do Santo Padre o Papa Pio XII à Presidente da Associação de Professôras Católicas da Alemanha	451
Carta da Diretora do Instituto Romano "Regina Mundi"	452
Os problemas do Ensino e as atividades educacionais dos Religiosos <i>Pe. Otorino Fantin S. D. B.</i>	454
Qual a vocação mais recomendável? <i>D. Estevão Bettencourt O. S. B.</i>	466
Os Religiosos e a Pregação <i>Pe. Luiz Santiago Araujo S. D. B.</i>	470
O Apostolado do Cinema no Ministério Pastoral <i>Pe. José Angril C. M. F.</i>	478
Um século a serviço da Eucaristia <i>J. A. Leme S. S. S.</i>	487
O único necessário <i>Ir. Agueda Francisca</i>	496
Carta a uma Superiora <i>Pe. Geraldo Fernandes C. M. F.</i>	500
O Problema financeiro das Missões Católicas <i>Fr. Wolfango S. V. D.</i>	502
Comunicações	506
Novas Fundações	507
Crônica dos Religiosos	509

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

SUPREMA SAGRADA CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

INSTRUÇÃO

a todos os Ordinários e aos Professores nos Seminários, Ateneus ou Docentes em Universidades e aos Lentes nas Casas de Estudos dos Religiosos: sôbre a “Ética da situação” (1).

Contra a doutrina moral e sua aplicação transmitida pela Igreja Católica, em muitas regiões, mesmo entre os católicos, começou a ser difundido um sistema ético que comumente é conhecido com o nome de uma tal “Ética da situação”, que dizem não depender dos princípios da ética objetiva (que por fim se baseia no «Sêr»), e pretende não sômente ser igual, mas superior à mesma.

Os autores que adotam êste sistema afirmam que a decisiva e última norma de ação não é a reta ordem objetiva, determinada pela lei da natureza, e por meio desta lei, justamente conhecida, mas um certo juízo interior e luz da mente de cada indivíduo, o qual em determinada situação concreta lhe mostra o que deve ser feito. Portanto esta última situação dos homens não é, segundo êles, como ensina a ética objetiva, transmitida pelos autores de maior renome, a aplicação da lei objetiva ao caso particular, vistas e simultâneamente ponderadas, segundo as regras da prudência, as particulares circunstâncias da “situação”, mas aquela imediata luz e juízo interior. Êste juízo, ao menos em muitas coisas, não é limitado, quanto à sua retidão e verdade objetivas, por nenhuma norma objetiva, colocada fora do homem e independente de sua persuasão subjetiva, nem deve ou pode ser limitado, mas é plenamente suficiente a si mesmo.

Segundo êstes autores, o conceito tradicional da «natureza humana» não é suficiente, mas é necessário recorrer ao conceito da

(1) A.A.A., vol. XLVIII (1956), pp. 144-145.

«natureza humana existente» que, a respeito de muitas coisas, não tem um valor objetivo absoluto, mas relativo sòmente, e portanto variável excetuados talvez aquêles poucos elmentos e princípios que se referem à natureza humana metafísica (absoluta e imutável). Do mesmo valor, meramente relativo, é o conceito tradicional da «lei da natureza». A maioria, pois, dos que hoje são tidos como postulados absolutos da lei natural, segundo a opinião dêles, baseia-se no referido conceito da natureza existente, e são por conseguinte relativos e mutáveis, e podem sempre se adaptar a qualquer situação.

Aceitos, e dada uma forma a êstes princípios, dizem e ensinam que os homens que examinam o que êles devem fazer na presente situação, sem sua própria consciência, e principalmente não conforme às leis objetivas, mas mediante aquela luz interna individual conforme à intuição pessoal, podem ser preservados e fàcilmente livrados de muitos conflitos éticos, de outro modo insolúveis.

Muito do que está estabelecido nesta «Êtica da situação» é contrário à verdade das coisas e ao ditame da reta razão, oferece vestígios de relativismo e modernismo, e muito se afasta da doutrina católica ensinada por vários séculos. Em não poucas afirmações é afim a vários sistemas de Êtica não católica.

Examinando tudo isso, para afastar o perigo da «Nova moral», sôbre a qual falou o Sumo Pontífice Pio XII nas alocuções feitas nos dias 23 de março e 18 de abril de 1952 (2), e para salvaguardar a integridade e a certeza da doutrina católica, esta Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício condena e proíbe que esta doutrina de «Êtica da situação», com qualquer nome venha designada, seja ensinada e admitida nas Universidades, Ateneus, Seminários e Casas de Formação dos Religiosos, ou de qualquer outro modo seja propagada e defendida em livros, leituras ou conferências.

Roma, Palácio da S. Congregação do S. Ofício, 2 de fevereiro de 1956.

Card. Pizzardo, B. Alban., Secretário

(2) A.A.S., vol. XLIV (1952), pp. 270 ss. e 143 ss.

CARTA DO SANTO PADRE O PAPA

A Exma. Sra. Elisabeth Mleinek, Presidente da Associação das Professoras Católicas da Alemanha, por motivo do Congresso convocado na cidade de Paderborn, no LXX aniversário da fundação da Associação (1).

Recebemos com satisfação e alegria o voto de inalterável fidelidade que a Senhora nos enunciou em nome da Associação de Professôras Católicas Alemãs, que abrange quase 12.000 senhoras ensinando em todos os diferentes tipos de escolas. Respondemo-lo com cordiais e paternais votos para a vossa reunião anual em Paderborn, que serve, ao mesmo tempo, para festejar a existência de 70 anos de Associação.

Não podemos voltar os olhos sôbre êstes 70 anos senão com profunda gratidão para com Deus. Com gratidão pela fôrça vital que a Associação demonstrou, durante duras tempestades. Com gratidão para com Deus, e depois de Deus para com a atual presidente honorífica de vossa Associação, Maria Schmitz, porque sempre a Associação conservou sua bandeira católica ereta e com tôda honra. Com gratidão para vossa atividade fecunda, visivelmente guiada pela Divina Providência: atividade para o bem econômico e social dos próprios membros; para o progresso dêles e seu aperfeiçoamento profissional, espiritual e religioso. O lema para as Senhoras deve ser: Nós professôras católicas, não nos deixamos superar em nível cultural por nenhum outro grupo de docentes. Com gratidão para com Deus pela influência da Associação sôbre a juventude, sobretudo feminina, e com isto sôbre a mulher, a mãe e a família.

Nós temos uma alta idéia do trabalho de formação e educação pelo qual o professor e a professôra católica participam de maneira essencial — hoje, como todos sabemos, mais frequentemente do que o lar paterno — em formar as crianças através dos anos de desenvolvimento até a madureza de jovem, eficiente e firme na sua condição religiosa e sua vontade moral. Nunca percais de vista que a atmosfera vivificante dêsse trabalho de formação é o exemplo pessoal da professôra autêntica e profundamente religiosa, dedicada à sua profissão e às crianças.

Vossa Associação confessa os princípios que nosso venerado predecessor Pio XI proferiu na sua Encíclica sôbre a educação "Divini illius Magistri". Ficai fiéis ao vosso ideal, e mais fiéis, quanto mais violentamente discutido. Nunca a Igreja Católica renunciará voluntária-

(1) A.A.S., vol. XLVII (1955), pag. 392.

mente à escola de sua própria confissão, e à formação de seu corpo docente, no sentido unívoco da fé e do aspecto católicos.

Invocamos o amor, cheio de graça, de Jesus Cristo, e a poderosa proteção da Virgem e Mãe de Deus, Maria Santíssima, para a vossa reunião em Paderborn como para vossa Associação e damos a todos, especialmente à vossa benemérita e idosa Senhora Albertine Bademberg, com benevolência paterna, a benção apostólica pedida.

Do Palácio Vaticano, 13 de maio de 1955.

Pius Papa XII

ROMANUM SCIENTIARUM SACRARUM INSTITUTUM
«REGINA MUNDI»

Via Mecenate, 37 —ROMA

14 de maio de 1956

Reverendíssimo Pe. Secretário.

Na vossa última viagem a Roma, tivestes a bondade de visitar-nos na Via Mecenate. Queria eu naquela ocasião entreter-vos longamente sobre a obra do «Regina Mundi», mas as circunstâncias não nos favoreceram. No entanto sei, Revmo. Padre, o interesse que tendes para com a nossa instituição, e é com toda a confiança que me dirijo a vós nesta hora em que precisamos de uma colaboração verdadeiramente católica.

Talvez já soubestes que Sua Santidade Pio XII, pelo «Motu proprio» de 11 de fevereiro do corrente ano, declarou «Regina Mundi» Instituto Pontifício. É para nós um precioso estímulo, mas precisamos prosseguir. Isto significa, atualmente, construir. O local que as Religiosas de São José de Cluny nos emprestaram generosamente torna-se insuficiente e o caso é urgente. Decidimo-nos, pois, a adquirir um terreno e a construir.

Quem nos ajudará? Um bom número de Institutos Europeus e Norte-americanos nos auxiliou já, permitindo assim à Instituição de nascer e conhecer um início prometedora. Em nossas presentes necessidades volvemos nossos olhares para a América Latina, e especialmente para o vosso Brasil cuja generosidade é conhecida. O Brasil já nos deu

boas estudantes (há 6 êste ano); poderemos contar igualmente com seu auxílio financeiro? Podemos permitir-nos contar com vossa benevolência, Revmo. Padre, para lançar aos Institutos religiosos do vosso país um apelo em prol da obra romana?

Em outros países, certos Institutos aceitaram ser fundadores do «Regina Mundi», depositando a soma de 10.000 ou 5.000 dólares, no fundo destinado a comprar ou construir uma casa. Não sei se isto seria possível no Brasil. Em todo o caso, qualquer oferta feita com esta intenção seria recebida com muita gratidão, tanto por nossa parte como por parte de nossas estudantes de todos os países que, com espírito verdadeiramente católico, trabalham lado a lado para melhor servir à Santa Igreja.

Desculpai, Revmo. Padre, a extensão desta carta; quis contar-vos a nossa situação e a confiança que tenho na ajuda do Brasil. Recomendando ainda às vossas preces o desenvolvimento de nosso Instituto, rogo-vos aceiteis a expressão de meu religioso respeito em Nosso Senhor.

Mary Magdalen Bellasis, OSU
Diretora



OS PROBLEMAS DO ENSINO E AS ATIVIDADES EDUCACIONAIS DOS RELIGIOSOS

P. Otorino Fantin S. D. B.

O ensino, quer profano quer religioso, corresponde a uma necessidade de ser racional, e visa facilitar-lhe certo grau de cultura, a fim de realizar os postulados da educação. E como a educação outra coisa não é senão o conjunto de atos pelos quais se consegue o desenvolvimento do ser humano, desde o estado imperfeito em que nasce, em tôdas as ordens de vida, até proporcionar-lhe um grau de perfeição relativa, mas necessária para se levar vida verdadeiramente digna de homem, de acôrdo com a condição ou exigências sociais, e poder alcançar o destino temporal e eterno (1), é óbvio que se não podem menosprezar as relevantes vantagens que a subministração do ensino pode oferecer aos educadores para realizarem a sublime missão de arrimar as almas para a consecução de sua finalidade.

Em virtude de sua maternidade sobrenatural e do mandato de Cristo, competem sem embargo algum à Igreja Católica o direito e a missão educativa e docente, quer direta quanto à educação religiosa, quer indiretamente quanto aos outros campos da educação, pela evidente e inegável relação que êsses têm com a educação religiosa (2).

As consequências desta verdade são claras: o poder que a Igreja detém quanto ao ensino profano prova-se por muitos argumentos.

1.º — Pela necessidade de que o homem, em sua formação total, seja permeado pelo influxo religioso, e orientado para o fim sobrenatural, coisa que nem sempre se consegue nas escolas que independem da Igreja;

2.º — Pela importância da mesma formação profana como meio

1) Cfr. *Divini Illius Magistri*, n.º 5.

2) Cfr.: *Idem*, n.º 10 e seg.

de defesa e consolidação do dogma católico, e pela conseqüente necessidade que a Igreja tem de dirigir o estudo de determinadas disciplinas;

3.º — Pela impossibilidade prática de se separarem certas matérias de ensino, máxime as que estão mui intimamente ligadas ao ensino religioso e à formação, das que pouca ou nenhuma relação têm com dita formação.

De há muitos séculos a Igreja está exercendo essa atividade benfazeja, com apreciáveis e reais proveitos para a cultura humana. E não poucas vezes os realizadores desta tarefa foram as Ordens e Congregações religiosas.

Tôda atividade educacional que os Religiosos exercem de acôrdo com os cânones de seus Institutos, foi-lhes delegada pela Igreja, a quem representam em seu trabalho educacional, e de cujos direitos se valem para seu apostolado.

Nenhum filho pode desmerecer da confiança de sua mãe. E os Religiosos, em todos os tempos e lugares, souberam honrar a confiança da Santa Madre Igreja, dedicando-se com cuidado esmerado ao desempenho de sua missão de formar as inteligências e os corações para a ciência de Deus e do Mundo.

Os meios modernos de difusão do pensamento, excelentes quando bem empregados; os recursos variadíssimos da técnica moderna, da metodologia, a necessidade de harmonizar o passado com o presente, sem deturpar o patrimônio intangível das verdades, e ao mesmo tempo sem descuidar ou relegar as conquistas recentes, põem os Religiosos Educadores diante de problemas ou fatos que reclamam uma reconsideração dos processos educacionais, no campo didático, metodológico, psicológico e muitas vezes uma readaptação pedagógica que está sendo reclamada pela evolução dos tempos e pelas exigências novas do ambiente social.

«*Repetita iuvant*» (as coisas lembradas são úteis) diziam os antigos. Também as notas que seguem nestas paginas refletem coisas velhas, mas que é bom recordar, porque sua lembrança poderá facilitar nossa tarefa de educadores.

A formação religiosa e cultural é dada pelos Religiosos ordinariamente em educandários, a grupos bastante numerosos de jovens ou moças, motivo porque arrostando com graves dificuldades, oriundas umas da situação de fato, outras da inaptidão dos elementos que ministram a educação.

Uma situação de fato generalizada é imposta pelo número ou massa.

E não raras vezes é motivo de indisciplina e desordens, retardando destarte o trabalho de formação.

O FATOR «MASSA» MOTIVO DE INAPROVEITAMENTO NA EDUCAÇÃO

Há meninos ou meninas que ficariam sossegados, muito tranquilos, seriam dóceis e obedientes, se estivessem a sós, ou agremiados a poucos outros. Entretanto, incorporados, com grande número de outros colegas tornam-se indisciplinados e esquivos à ação educadora dos mestres. Qual a causa? Simplesmente porque fazem parte da «massa». Não queremos evidentemente afirmar, como os asseclas de Hobbes e Rousseau, que o meio necessariamente corrompa o elemento humano. Absolutamente! Também neste problema, como aliás nos demais assuntos educacionais, mister é distinguir-se aquilo que está na natureza íntima do fato (e que por isso mesmo se não pode eliminar), daquilo que depende da solução adequada de um princípio elementar de comportamento coletivo da vida dos meninos.

Indiscutivelmente o «número» é uma verdadeira prova e tentação para a ordem e disciplina em geral. Indivíduos que podem realmente possuir os germens da insubordinação, da intolerância disciplinar, enquanto vivem isolados ou cerceiam suas relações sociais a pequenos grupos, não têm sequer o tempo necessário para pensar em relaxamentos ou artes. A razão dêste aparente estado de coisas encontra-se no fato de sòzinha a criança não ter muito espírito de iniciativa. Coisa que se não dá entre muitos, onde a natureza favorece alguns de dotes de expansão, de iniciativa criadora, tornando-os elementos catalizadores a atearem centelhas de vivacidade entre os colegas, oferecendo ensejos, inspirando aos indecisos o modo, os meios e o tempo para manifestar sua atividade, nem sempre controlada e em harmonia com a disciplina.

A experiência educacional, ademais, comprova empiricamente a verdade do fato, desde que a eliminação dêsses indivíduos, ou senão a segregação, confere ao ambiente (e à massa) relativa calma e euforia.

Outro obstáculo à disciplina, e por conseguinte uma diminuição no ritmo formativo da criança ou do adolescente, decorre do fato de ser mais fácil aos culposos, englobados na massa, esconderem-se sob a égide do anonimato, impersonificando o campo de trabalho, quando justamente se deseja o contrário.

Evidentemente é mui difícil descobrir entre grande número de

indivíduos quem provocou uma desordem, desde que os jovens, por princípio de coleguismo e de solidariedade, que se estriba na simpatia, não soem acusar o culpado, declarando seu nome a quem de direito.

Acresce que as faltas da massa, psicológica e moralmente, se revestem no conceito da petizada, de menor culpabilidade, afeita a julgar errôneamente o procedimento coletivo, e levam a correção ou as medidas reformativas para o lado do ridículo e do desprezo. E mesmo que se consiga descobrir o provocador da desordem, nem sempre será fácil para o educador relegar os inconvenientes menores, que realmente são os causadores da indisciplina.

ERROS PSICOLÓGICOS E EDUCACIONAIS NA FORMAÇÃO DA MASSA

Certas atitudes do educador, bem como a carência de ajuste, podem prejudicar substancialmente o trabalho de formação e anular os esforços, por melhores que sejam as intenções.

Diante de uma situação de fato, como é comumente a educação ministrada a grandes massas juvenis, é mister haja coragem e firmeza nos educadores.

Atraídos pelo princípio, legítimo, de que a educação individual leva a resultados imediatos e garantidos, muitos educadores experimentam verdadeiro horror, têm medo e repulsa de grupos numerosos de educandos.

Se parcialmente é verdade que a educação de massa leva ao descontrôle pessoal, à nivelação dos caracteres, ao atrofiamento das potências e dos dotes dos educandos, tolhendo-os da liberdade de iniciativa; semelhante fato se não dará onde houver compreensão e se souber decompor a massa em unidades educacionais menores, bem distribuídas segundo as regras da psicologia e da moral, tais que proporcionem ao educando um ambiente onde possa encontrar sua vida mais próxima da realidade, a espontaneidade de movimentos e a naturalidade do viver sintonizados com todos os aspectos de sua vida coletiva, e onde o educador religioso não encontre em suas próprias indisposições psicológicas entraves à ação formadora.

Enquadrada nestes moldes de elasticidade espiritual, a formação religiosa e profana que os educadores católicos ministram em seus estabelecimentos, não saberá a imposição, nem trescalará acres olores de reformatório ou prisão...

O ambiente é condicionador outrossim da obra de formação: deve por conseguinte reproduzir uma imagem do espírito de família bem próxima da realidade. Se a situação mesológica não espelhar a família, porque os educadores não souberam reverter a disciplina rígida no amor carinhoso e sacrificado, os próprios educandos não se acostumarão à vida em massa, manifestando sempre mais e em medida crescente seu descontentamento, alardeando intolerância disciplinar, patenteando abulia para o trabalho intelectual, tornando impossível ou bem difícil a assimilação dos preceitos e conselhos formativos que lhes são apresentados.

Nosso Senhor, divino Pedagogo e Doutrinador das massas, não se apoquentou pelo número extraordinário dos ouvintes, que sabia oportunamente proporcionar a cada categoria os ensinamentos oportunos. Se os Educadores, sem solapar a unidade da massa, souberem repartir moralmente e ideologicamente seus educandos em unidades ponderadas, permitindo às mesmas uma vida de espontaneidade amoravelmente controlada, vida de iniciativas criadoras sãbiamente orientadas, como contribuição ao enriquecimento da personalidade, que não é mortificada e tão pouco diminuída, os problemas da disciplina serão suavizados, e logicamente a tarefa da formação, de muito facilitada.

Entretanto, se na vida de formação se quiser considerar a **grande massa** única e exclusivamente como uma unidade educacional, infalivelmente faltará aos educandos a vitalidade integral, porque haverá por necessidade da situação, de se recorrer a um sem-número de regras disciplinares bastante amorfas e de caráter geral. O primeiro critério sensato para conseguir-se do educando o ato de obséquio à ação formadora é o de lhe impor o menor número de regras disciplinares, somente as essenciais ao próprio fim da educação, que ele deve conhecer, querer e amar.

Há erros inevitáveis quando os jovens são considerados como exército de manobra. Tornam-se então imprescindíveis atitudes autoritárias, feições terrorizantes, que só conseguem provocar sensações de respeito, **aparências** de disciplina, **verniz** de formação! É uma grave e frequente ilusão, que favorece, contrariamente a quanto se deseja, a formação de um **habitat** irreal, que falsifica o caráter dos educandos, habituando-os às atitudes desleais, hipócritas e oportunistas. Forma-se um **ambiente-tentação** para a mesma disciplina e arruína-se o trabalho formativo.

São João Bosco (1815-1888), exímio educador e plasmador de jovens almas, revestia de semelhantes características um processo educacional, que qualificava de «Sistema Repressivo». E nós que participamos dos anseios salvíficos e formadores da Igreja, devemos nos apegar ao sistema de Cristo que procurava «elevar» as almas.

Há dificuldades positivas na educação de grande massa em nossos colégios católicos. Quem as desconhece? O fato de levar essas massas pelas escadas, nem sempre em harmonia com os melhores critérios pedagógicos e higiênicos, articulá-las pelas arcadas dos pórticos, transladá-las de um ambiente para outro (passando quiçá por uma única porta e ainda bem estreita!), mantê-las ocupadas em salões de estudo ou trabalho, onde se deve observar rigorosíssimo silêncio, ordem perfeita, postura impecável, e tudo isto dentro de um tempo diminuto, com rapidez de movimentos, em ordem, sem barulho, sem prejuízo para a disciplina, é sacrifício que nem sempre recompensa o trabalho dos educadores.

A educação de massa impede-nos, evidentemente, permitamos aos educandos certos atos, em si sem importância, mas que dentro da ordem comum não podem conseguir ou garantir o devido respeito às regras da disciplina.

O resultado é praticamente o afastamento do educador do educando, a impossibilidade de um verdadeiro trabalho individual profundo, de uma ajuda amiga que despertariam no educando maior capacidade de correspondência.

O erro da perspectiva está no fato de a maior parte dos Educadores católicos terem uma falsa consciência ou convicção de que a educação de massa facilite o fim da educação.

No campo disciplinar dá-se o contrário: atraso cinegético, delongas e esperas inúteis, causadoras de impaciências nos educandos e nos mesmos educadores; certa mortificação para a personalidade dos mais crescidos que, inteligentemente, se vêem equiparados na maioria dos casos aos pequenos e menos desenvolvidos, sem critério e discernimento seletivo.

Nos menores provoca um estado psico-patológico de **conformismo inativo e associativo**, que relega sempre mais o educador desganchando-o do ambiente próprio para a criança e alienando-o de seu coração. Daí a necessidade irritante de repetirem-se avisos sobre avisos sem resultado satisfatório para a boa ordem.

Os educandos criam imperceptivelmente sua mentalidade e a

primeira vítima de sua crítica incipiente é o educador, que não passa de um «fiscal de trânsito», semáforo de sinalização, intransigente burocrata prêso ao protocolo inflexível de regras disciplinares. E o resto? e a base mais profunda da educação, a verdadeira formação integral, aonde andam?...

Para comum consolação, não se pode negar que também êsse modo de educar e de conseguir-se a ordem tenha lá suas vantagens; são porém, tão insignificantes e aleatórias, que por certo não recompensam os extraordinários esforços que se lhe dispensam.

Os defeitos que observamos, isto é: a limitação da liberdade individual, exigência (talvez nem sempre descabida) de semelhante educação artificial, o excesso de admoestações, as renúncias constantes, a lentidão dos movimentos coletivos, a monotonia rotineira dos horários, a rítmica da vida comum a que acresce a burocracia nas relações entre educador e educando, favorecem o espírito de conformismo, cerceiam o estímulo para o progresso e criam um ambiente desfavorável e infenso ao trabalho educativo e formativo.

As filas, por exemplo, que já são veneradas pelos educadores como meio universal e seguro de disciplina e formação à ordem, não são índice de formação de per si. Dom Bosco, em seu sistema educativo, queria prescindir dêsse expediente, e seu biógrafo relata que chorou quando de volta ao colégio onde era superior, soube da necessidade de se terem introduzido as filas durante a sua ausência. São João Bosco não era sentimental, nem amante de desordens; viu longe e descobriu que êsse sistema praticado por quem não tem compreensão e tino educativos, seria uma restrição pouco natural para os educandos em sua liberdade, iniciativas, e portanto pouco produtora, muitas vêzes contraindicadas para uma formação segura da personalidade e para a responsabilidade pessoal do agir humano, porque representa uma pressão e um meio negativo na formação da vontade e do caráter.

Também na educação de massa, que se não poderá suprimir, é necessário colimar o fim da educação com os problemas reais que a situação cria: fraccionamento conveniente, de acôrdo com a idade, a capacidade, os cursos, dando aos vários grupos o caráter de unidade vital, engastando-os no andamento geral do educandário, favorecendo aquela espontaneidade que nasce de quem tem a certeza de se autoguiar, e que entrementes sem se aperceber é manobrado pelo educador com amor, zêlo, compreensão.

OS CARACTERES DIFÍCEIS IMPEDEM TAMBÉM A AÇÃO FORMADORA

O Divino Pedagogo encontrou tipos diferentes entre seus Apóstolos: tímido um, estourado outro, vingativos alguns, generosos outros. A todos formou de acordo com as exigências de sua personalidade. Deu-nos o exemplo de como se formam caracteres adamantinos.

Inicialmente a atitude que se impõe ao educador católico consciente de seu dever e de sua missão, é de prudência, de ponderação calma, a fim de não ser precipitado na formulação de um juízo de valor e definitivo, modificando para tanto sua mentalidade, para que, salva de preconceitos, realize da melhor maneira o munus de educador.

Não nos podemos esquecer jamais que o homem é composto de alma e corpo, estreitamente amalgamados em unidade substancial. Não basta administrar remédios psíquicos e morais para normalizar o caráter difícil, mas é mister descer até às necessidades do corpo, às exigências fisiológicas, à ação excitante, refreante ou mesmo inibidora no campo físico, diretamente responsáveis pelo complexo caractereológico em questão.

Os educandos podem apresentar sintomas alarmantes de fingimento, atitudes falsas, inclinação à mentira e ao subterfúgio. Quem pode negar tratar-se de debilidade ou desvio da vontade? Mas não pode também ser isto causado por alucinações imaginativas, por temores nervosos ou de fundo instintivo, que debilitam o exercício normal do mecanismo volitivo? O esgotamento físico, a carência alimentar, os problemas da hereditariedade oriundos de taras alcoólicas, sífilíticas, maníacas, depressivas, etc., criam nos jovens e adolescentes, com maior facilidade do que pensamos, o hábito da inferioridade, contra o qual lutam com abulia. Tipos tímidos, semi-misantropos, sociais, são-no por deficiências somáticas ou psíquicas. Vê-se que o juízo apreciativo é deveras difícil e se reveste de grave responsabilidade.

Semelhantemente estaria errada uma concepção educacional exclusivamente espiritualista, que considerasse as potências e as faculdades superiores do ser racional como elementos «a se», sem interferências recíprocas.

Não se pode educar a vontade como se fôra um mecanismo separado, descuidando-se completamente do complexo humano: é necessário garantir o concurso harmonioso de tôdas as faculdades, sem olvidar as físicas.

Não menos prejudicada fica a tarefa de formar com uma atitude de rigidez e inflexibilidade, que muitas vezes assalta os educadores. Trata-se do erro de se julgar sempre responsável a ação do educando. A moral e a ciência pedagógica são as primeiras a reclamarem semelhante injustiça! Nem tudo, no agir do educando, é igualmente consciente. Muita coisa há que é instintiva, impulsiva, automática... Em muitos casos falta realmente o conhecimento pleno ou perfeito do fim da própria ação, bem como não é totalmente pleno o exercício da liberdade. É pois necessário acreditar nas desculpas que se nos apresentam. O ato de acreditar, evidentemente, nos não dispensa de um exame mais cuidadoso e humano do agir, como nos leva à obrigação de instruir, esclarecer, corrigir cristãmente.

Nem todos os educadores possuem tino fino e ciência bastante para avaliar profundamente os motivos que levaram o educando a determinada ação ou omissão. Mesmo quando a culpabilidade é evidente, não deixará de haver pouco controle pessoal, falta na educação recebida (e a culpa neste caso é de quem não cumpriu com seu dever!), disfunção harmônica, descontentamento pelo ambiente pouco natural, orgulho mal refreado, fatos fisiológicos que escapam ao conhecimento da criança ou do jovem. Não seria justo recorrer sem mais às medidas coercitivas. E se essas fôrem necessárias, devem ser criteriosas e justas.

Interferem na falta de formação ainda dois fatores relevantes: 1.º — a convicção de que a vontade do educando seja todopoderosa; 2.º — uma confiança absoluta nos recursos materiais.

A primeira atitude revela um otimismo exagerado, que geralmente leva ao lado oposto, ou seja ao pessimismo deprimente. Nos educandos há a vontade que procura afirmar-se na formação da própria personalidade, e que é naturalmente perfectível. Às vezes, por falta de força construtora ou de coragem em animar, atrofiam-se estes recursos. Se diante de um educando que sente que o hábito é mais forte do que sua débil força de vontade, a palavra do educador fôr depressiva, evidentemente o menino forma em si a idéia de que é inútil reagir aos penhores menos nobres, estacionando numa situação que julga incorrigível e perdida. Mas se a palavra do educador fôr de animação, excitar o brio e a confiança que o educando por vezes perde, num esforço de recuperação em futuro não remoto, a redenção milagrosa não se fará esperar muito.

Em segundo lugar, nos métodos educacionais modernos, tem-se

observado que a formação procura estribar-se excessivamente nos meios naturais e nos recursos pessoais do educador. Esquecemos que há meios sobrenaturais, indispensáveis, cujo resultado e eficácia comprovados, concorrem ineliminavelmente para a transformação do coração e da vontade. Fins secundários na educação fazem obliterar que é necessário encaminhar os jovens para o exercício da virtude e, mais ainda, para a vida de ascese. Aliás os educadores profanos, em maioria pedagogos e psiquiatras ou Psicólogos mundialmente conhecidos, estão a proclamar com dados cientificamente certos a necessidade de aplicar meios morais à educação e formação de personalidade dos educandos, para que realmente seja completa e normal.

Há ainda outro ponto vulnerável na formação que os educadores católicos dão à mocidade. São atitudes que denotam pouca compreensão dos problemas e das exigências da idade evolutiva da criança. Reina infelizmente uma tendência ao pessimismo, de sorte que com facilidade se descobre imperfeição e maldade onde definitivamente não existem, ou em proporções muito mais graves do que a objetividade encerra. Há educadores que não passam da mediocridade e se afileiram entre os intransigentes e petulantes burocratas da disciplina, como se essa fôsse o fim da educação.

Um otimismo sadio, sem exageros e aderente à verdadeira situação dos educandos, deve eliminar preventivamente a idéia de que todos os alunos são indisciplinados e arredios à obra de formação própria. Deve-se reconhecer que a justa expansão das potências (máxime da vontade) de crianças e adolescentes, são antes de tudo sinais de vitalidade, de vigor construtivo, forças que se devem aproveitar e respeitar, porque exigem da natureza uma evasão que se não pode coibir, sob pena de atrofiar-se o desenvolvimento moral e integral do educando. As causas de evasão à ação educadora dos mestres não encontram sua raiz exclusiva e constantemente na má vontade dos educandos, porque neste caso haveria uma desproporção nos vários elementos que constituem o próprio fato educativo. Encontram-se no menino, na massa em que vive, nos educadores, no complexo do ambiente formativo e escolar em que vive, no lugar de origem, na família de onde veio, etc. Se o educador não atentar para as causas e os fatores condicionadores da ação educativa, estará facilmente exposto ao erro, e necessariamente o resultado desta atitude provará mais uma vez os reveses da formação.

A incorrespondência à ação tenaz e conscienciosa do educador

pode encontrar sua explicação na constituição física deficiente do educando: doença ou carência alimentar. Entre os escolares dos cursos primários verifica-se com certa frequência carência orgânica, estados de sub-nutrição. Não pode evidentemente haver ação recíproca no ato formativo onde de uma parte há problemas de ordem estomacal... Taras hereditárias causadoras de neuroses mais ou menos graves, estados mórbidos e psicoses precoces, depressões de fundo carencial, apatias, etc... Coisas tidas ignorantemente por expressões e manifestações de má vontade!...

E sem ares de psiquiatras ou médicos é fácil averiguar-se pela aparência física e externa de alguns meninos mais difíceis que há alguma anormalidade constitucional. Não será nem o confessor, nem o educador que hão de resolver êsses problemas de ordem sanitária: é mister recorrer à ação inteligente e dedicada dum bom médico ou de psiquiatra.

E nos casos em que o educando é refratário ao trabalho de formação, embora aparentando ótima formação constitucional e física? Podem ainda existir deficiências psicológicas de que não lhe se pode atribuir a culpabilidade. Há corpos perfeitos, que ocultam atrofias das faculdades intelectuais, por não terem tido oportunidade de desenvolver a capacidade de aprender e querer. Por isso não experimentam nenhum atrativo para o ideal de formação e aperfeiçoamento individual, de vida morigerada e religiosa, pelo fato de tais problemas não apresentarem para êles atrativo ou possuir valor, desde que não chegam a interessar seus centros de vitalidade. A incorrespondência e quicá a resistência para tais elementos é um meio de evadir-se à monotonia do tempo e à rotina da educação global.

Mesmo no caso em que o educando apresentasse perfeição no físico, normalidade psicológica, desenvolvimento regular das potências espirituais, o juízo no caso de rebeldia à ação formativa dos educadores, deve ser prudente, e se o trabalho do educador deve visar expressamente a remodelação do caráter do aluno, obviando aos inconvenientes e deficiências da educação anterior, será oportuno um exame introspectivo do próprio educador, o que poderia revelar com surpresa carência de amor educativo, caridade compreensiva, dedicação desinteressada, espírito de verdadeiro sacrifício.

A educação e formação de superfície é verniz que desaparece ainda antes que finde por parte do educador o contróle direto e ime-

diato sôbre o educando. Semelhante procedimento não favorecerá jamais a formação de personalidades e caracteres estáveis.

Se na formação do caráter do educando faltou acaso a possibilidade ordenada, progressiva e integral de contrôle, a possibilidade de proporcionar fàcilmente meios de progresso espiritual e a aquisição de hábitos bons, o exame do educador experto e consciente de sua tarefa deverá progredir até descobrir os coeficientes válidos para a reforma. Semelhante ação e pesquisa educacional só será possível quando houver conseguido apoderar-se da confiança e do coração da criança ou adolescente a serem educados. Sômente o amor educativo consegue realizar êsse milagre pedagógico-formativo: chegamos ao coração dos outros pelo nosso próprio coração!

E quando encontrarmos almas extremamente sensíveis, que diante de uma insatisfação às suas tendências ou desejos, muito justos aliás, se retraem e se furtam ao comportamento comum de correspondência, lembremo-nos de olhar para o comportamento global do aluno, geralmente dominado por poderosa tonalidade afetiva, numa desproporção entre vontade e sentimentos, e com facilidade encontraremos o elemento de possibilidade para o desenvolvimento ordenado, a correção de eventuais desvios. A preguiça educacional nos formadores da mocidade, leva-os a descuidarem-se dêsse importantíssimo problema, da descoberta das causas originadoras da evasão ao trabalho de formação pessoal. O exemplo do Divino Mestre é sempre atual: «aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração».

Paciência, bondade, muita calma! Eis o trabalho do educador, que oportunamente frutificará para o bem.



QUAL A VOCAÇÃO MAIS RECOMENDAVEL ? (1)

D. Estevão Bettencourt, O. S. B.

Não raro se ouve perguntar, principalmente entre os jovens de fé e ideal: «Qual a melhor das vocações?»

A questão é geralmente formulada com certa ânsia, visto que todos desejam abraçar o que possa haver de mais nobre em matéria tão importante. Alguns se afligem particularmente porque notam que suas inclinações naturais (tendência ao matrimônio, por exemplo) não con- dizem com o que lhes parece ideal (vida virginal); julgam-se num impasse e como que condenados à mediocridade.

A êste problema sejam dedicadas algumas linhas de reflexão.

I. Antes do mais, perguntemo-nos: Que é vocação?

Como o nome o diz, vocação é um **chamado**, que, no nosso caso, Deus dirige ao homem. Esta simples análise já traduz uma verdade profunda: não é propriamente o homem quem escolhe o seu estado de vida neste mundo, mas é Deus quem lho assinala. A familiares e amigos pode tocar o papel de ajudar o jovem a perscrutar a vontade do Senhor; não lhes é lícito, porém, impor ou proibir tal gênero de vida; abraçar uma vocação é questão de consciência para cada indivíduo.

II. Notemos agora que a todos os cristãos Deus indica um alvo comum e supremo a que devem tender: a **santidade**. Todos são chamados a ser cristãos perfeitos: «Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48). Ao explicar estas palavras de Cristo, os teólogos ensinam que a graça santificante, recebida no batismo e assiduamente nutrida pela Eucaristia, tende por si, qual fermento, a levar o cristão aos mais altos graus da vida de oração (para conseguir isto, apenas pede que o

(1) Considerações teológicas para orientar os jovens que se dirigem a Religiosos e Religiosas.

homem não lhe oponha resistência, nem mesmo em coisas pequeninas). Donde se segue que ninguém se deve julgar destinado a ficar na mediocridade espiritual. Às vêzes ouvem-se pessoas que distinguem entre salvar a sua alma (após longo purgatório) e ser santas; contentar-se-iam dizem, com o primeiro termo, não aspiram ao segundo. Tal modo de falar é inconsistente: não há ideal de mediocridade; o purgatório significa um estágio póstumo anormal para o cristão, o qual já deveria deixar este mundo em condições de ver a Deus face a face; em consequência, quem se «resigna» com pouco na vida espiritual, arrisca-se a perder a própria salvação eterna.

III. A vocação geral para a santidade ou a perfeição, Deus quer que ela seja realizada dentro de um quadro de vida variável de indivíduo a indivíduo. Há, pois, além do chamado universal à santidade, vocações particulares, que devem tôdas levar à meta comum; tais como são: a vida matrimonial, a vida virginal, a vida sacerdotal, a carreira das artes, das ciências, das armas, etc.

É certo que, ao assinalar a cada indivíduo o seu gênero de vida próprio neste mundo, Deus decreta igualmente dar-lhe tôdas as graças necessárias para que nesse estado se santifique. Isto quer dizer que, seguindo sua autêntica vocação, o cristão encontrará todos os elementos indispensáveis (graças de estado) para ser perfeito, por muito «profana» que possa parecer tal vocação; de outra parte, é certo que, fora dêsse quadro, é inútil ao homem procurar santificar-se; Deus não colocou em outra via os dons de santidade que lhe destina; cada cristão é chamado a ocupar um lugar único, inconfundível, no conjunto das criaturas, e não lhe é lícito retocar o plano de Deus. Donde se vê que, para cada indivíduo, a melhor vocação é aquela que, em particular, Deus lhe assinala.

IV. Uma vez, porém, colocado no seu estado próprio, saiba o cristão que há um elemento-chave, indispensável, para usufruir plenamente dos auxílios que Deus lhe destina, elemento sem o qual jamais poderá chegar à perfeição interior: é a generosidade, a fidelidade magnânima à sua vocação; é, em outros termos, a caridade, o amor sobrenatural, com que êle segue o chamado de Deus. A caridade é a alma da vida cristã; quanto mais intensa ela fôr, tanto mais o cristão aproveitará dos demais dons de Deus, seja no século, seja na vida religiosa ou sacerdotal.

V. Estes princípios não impedem reconheçamos que as diversas vocações se distinguem umas das outras por maior ou menor digni-

dade característica. S. Paulo lembra que os cristãos constituem um grande Corpo Místico, o qual para ser tal, deve constar de membros dotados de funções mais nobres e de outros destinados a tarefas mais modestas (cf. 1 Cor 12, 14-26).

Todavia o simples fato de que alguém seja por Deus chamado a desempenhar uma função objetivamente mais digna ou relevante na S. Igreja, de modo nenhum implica que tal pessoa seja ou se torne mais perfeita em si mesma ou subjetivamente. Ela pode viver num estado em si mais nobre, possuindo um grau de caridade menos intensa do que outro cristão colocado num estado em si menos perfeito, mas dotado de caridade mais generosa. Neste caso, tal outra pessoa é mais santa e alcançará maior glória no céu. Não resta dúvida, porém, de que quem vive uma vocação em si mais nobre com toda a sua generosidade, obtém maior glória do que alguém que viva uma vocação em si menos perfeita com a mesma generosidade. É a S. Igreja mesma quem o ensina distinguindo graus na hierarquia dos Santos: o martírio, por implicar a imitação mais perfeita do amor de Cristo ao Pai, é o tipo ideal de santificação; abaixo dos mártires, vêm, sucessivamente, os que confessaram a fé sem morrer por ela, mas agraciados pelo caráter episcopal (Confessores Pontífices); os que a confessaram sem o martírio e sem a dignidade episcopal (Confessores não Pontífices); a seguir, as Virgens, as Viúvas. Cf. também S. Tomaz, Suma Teológica, Supl. 96,5.

Deus distribui os seus dons conforme a sua liberalidade soberana, e toda a grandeza do homem está em entrar exatamente no lugar que o Criador lhe assinala, sem pedir explicações a respeito da própria sorte (cf. Rom 9, 20 s). Somente em Deus, identificando-se com o plano de Deus, é que a criatura encontra a sua autêntica face, o seu genuíno ideal. A ordem imposta pelo Criador tende a produzir um conjunto final de seres pelos quais Deus é sumamente glorificado e em que cada criatura é feliz sem restrição. Não há, pois, motivo para que este cristão se entristeça por não ter sido chamado para o mesmo ideal que aquele; a bem-aventurança do homem está unicamente em referir tudo a Deus e em só se considerar e amar à luz de Deus, como reflexo da glória divina, concebido com tais e tais traços individuais desde toda a eternidade.

VI. Quanto aos critérios que devem ser auscultados para se discernir a vocação particular, eis os principais:

a) — as aptidões da própria natureza. Se, conforme o axioma, a graça supõe a natureza e a aperfeiçoa, está claro que normalmente

Deus santifica a cada um mediante o desenvolvimento orgânico dos dons naturais que lhe concedeu; portanto, quem tem tendência definida para o matrimônio, não se deve forçar para abraçar a vida virginal, e vice-versa; quem tem propensão para a vida ativa, missionária, temerariamente abraçaria uma vida retirada ou dita «contemplativa». Não é normal, embora seja possível, que Deus peça a alguém, viva em contínua contradição com as aptidões legítimas de sua natureza:

b) — o conselho de um diretor espiritual ou de pessoa idônea. Esta, em nome de Deus, ajudará o jovem ou a jovem a discernir os sinais de Deus em sua vida; é fácil enganar-se alguém ao se tratar da própria causa.

Ao uso dêstes critérios seja associada a oração para pedir Luz e Fôrça do Senhor. Em suas reflexões, mantenha-se o jovem sincero para com Deus e para consigo, acautelando-se contra idéias preconcebidas e sugestões emanadas da «moda» ou de uma visão natural das coisas.

E, uma vez percebida a Vontade de Deus, siga-a o cristão com alegria, com o máximo de sua generosidade sobrenatural. Assim fazendo, estará a caminho da santidade!



OS RELIGIOSOS E A PREGAÇÃO

P. Luiz Santiago de Araujo S. D. B.

I — IMPORTÂNCIA DA PREGAÇÃO

Nenhum cristão ignora a importância extraordinária da pregação evangélica.

Basta lembrar que ninguém se salva sem a fé. A fé começa pela audição da palavra de Deus. E a palavra de Deus é o mandato que o Divino Redentor, por seus apóstolos e sucessores e cooperadores, estendeu ao mundo inteiro, dizendo: «Euntes, docete: «*mateteúsate*», conforme o sentido grego: «Indo, fazei com que todos os povos se tornem discípulos da doutrina que vos ensinei!»

E êsse ensinamento, até hoje, conservado no depósito sagrado da Igreja, Mestra infalível, que sempre defendeu intactas a fé e moral, embora adaptando aos tempos e lugares, êsse ensinamento é o que deve ser transmitido por nós a homens do nosso tempo. Somos nós, cooperadores de Deus, que devemos apresentar aos homens de hoje a fisionomia eterna e sempre nova de Cristo Senhor Nosso, com a beleza de suas divinas atrações, com todo o calor irresistível do seu coração divino, que ao abrir-se dos novos tempos nos veio ao encontro bradando: «Eis o coração que tanto amou!» — E o sacerdote é, na expressão de S. Ambrósio, o «*vicarius amoris Christi*!»

Objeto da pregação

O resumo do que devemos pregar é o reino de Deus na transformação dos homens pela penitência, isto é, mudança de pensar e agir, de acôrdo com o plano divino. Retôrno ao Evangelho por parte dos que de-

sertaram — em primeiro lugar, procurar as ovelhas transviadas. E expandir o Evangelho entre os não cristãos. De um modo ou de outro, se trata de reformar as almas. Por isso, desde os profetas antigos, culminando com o Batista, de Jesus Cristo ao Pio XII com a encíclica mariana «Fulgens corona» (8 set. 1953) traduzindo o pedido da Virgem de Fátima, — ressoa o brado incessante: «Penitência! Penitência». Papini, nas «Cartas aos homens» de Celestino VI, nota: «A causa primeira da agonia do gênero humano é a renegação, a traição do Evangelho!». «Nós vivemos demasiado comodamente e plácidos atrás das paredes de pedra na nossa Igreja». E não pensamos o que Deus e mundo pedem de nós, além do que estamos fazendo, e que é também obrigação nossa, ao menos de caridade.

Nosso dever.

Portanto, precisamos mostrar o Evangelho ao nosso século, com a linguagem viva, irresistível de fé e de amor provados nas palavras e nas ações.

Dizia Todesco: «Esta pobre humanidade tem fome e sede de amor. Quem pronuncia a palavra «amor» e do amor dá provas, pode ficar certo que aquela palavra será ouvida; aquêlê exemplo será imitado». Mesmo porque a palavra de Deus jamais perdeu sua eficácia. A nós compete não entravá-la. E pregá-la como se requer. E' o nosso dever de justiça ou de caridade. E' o que proclama a Pastoral coletiva n. 15: «Os sacerdotes ocupados na cura de almas, têm obrigação por ofício e por justiça de pregar a palavra de Deus; os outros sacerdotes têm a mesma obrigação por espírito de caridade e por vocação». No Livro «Mensagem d'en haut» Jesus diz a Petite Fleur: «Os sacerdotes desertam... falando futilidades... fazem mal, cegam a si e aos outros. Têm medo de crítica e repreensões. Tem demasiada fraqueza na direção das almas. Isso fará com que um dia sejam julgados por elas que dirão: «Não nos trocastes o caminho!». Coisas que o Apóstolo amaldiçoaria, se vivesse entre nós — e seus discípulos toleram».

Aliás, é o mesmo que já anunciara o profeta Ezequiel (3,17): «Filho do homem, eu te coloquei por sentinela na casa de Israel. Tu ouvirás de meus lábios as palavras e os admoestarás de minha parte. Se eu disser ao ímpio: «vás morrer!» — e tu não o avisares... ele morrerá... Porém a ti pedirei contas de seu sangue». Com efeito, na expressão de

S. J. Crisóstomo, os sacerdotes devem dar a Deus «de universo orbe». E' o mesmo pensamento do então Cardeal Pacelli, em Lourdes: «Salus mundi, maximam partem, pendet ex nobis!»

Nossa responsabilidade na hora atual

E na hora atual, Hora de Maria, é também a nossa grande Hora em que tantas responsabilidades caem sobre nós, sobre cada um dos cristãos, e mais sobre os religiosos; estamos marchando, estamos construindo um mundo novo, previsto pelo P. Lombardi, e para o qual Pio XII tanto **trabalha** por uma inspiração quase divina, nesta campanha de um mundo melhor. Nesta hora, pois, nós, obreiros da Igreja, devemos estar à altura dos tempos. Na expressão do grande Pontífice gloriosamente reinante, no Congresso dos Religiosos sobre os Estados de Perfeição, notava-se: «Pensam alguns, e talvez com razão, que são três as principais características que distinguem a índole e tendência da nossa época: largueza nas idéias e deliberações, unidade no comando e organização, rapidez na execução. Não serão também estas as qualidades de quem professa por palavras e obras a fé católica?». Mas logo a pergunta inquieta: temos nós religiosos seguido sempre estas normas? naturalmente, sobretudo nós religiosos, reconhecendo nosso lugar de simples cooperadores dos srs. bispos, conforme relembra o Papa, ao citado Congresso: «E' fora de dúvida que de harmonia com as prescrições do direito divino, o sacerdote, quer secular, quer religioso deve exercer os seus ministérios como auxiliar e subordinado ao Bispo.

II — A PREGAÇÃO EM GERAL NO BRASIL

De acôrdo, portanto, com nossos legítimos pastores, sentindo com a Igreja, ao pregar a mesma doutrina eterna, urge agora considerar:

1. Pregamos, de fato, o Evangelho?
2. Como pregamos?
3. Qual nossa apresentação ao púlpito, rádio ou imprensa?
4. Qual nossa preparação?
5. Qual a aceitação do povo nas verdades da Fé?

Exame sobre nós mesmos: louvores e falhas

Realmente, muitos são os que pregam o Santo Evangelho com desvêlo. Os religiosos do Brasil não podemos de maneira alguma, deixar que se perca o nobre florão de glórias passadas, a tradição das verdadeiras

pregações na expansão da Fé, começadas por Frei Henrique de Coimbra, continuada pelos filhos de S. Francisco e Carmelitas, elevadas pelos jesuitas até a áurea palavra de um Vieira, com seus grandes irmãos, pois na expressão de Pedro Calmon, «o Brasil é grande ex-aluno jesuita». E hoje nem podemos enumerar os intrépidos religiosos que labutam nas cidades e sertões de nossa Pátria, como verdadeiros monumentos de virtude, pregando a verdade, como dizia Ravignan.

E o Evangelho é pregado com fé e calor e os frutos nos atestam que não desmerecemos dos nossos antepassados. Porém, para sermos sinceros, é doloroso ver o oposto. E' triste verificar que na crise de sacerdotes desta Terra de Santa Cruz, que os protestantes, espíritas e comunistas tentam invadir sempre mais, muitos sacerdotes de Cristo deixam displicentemente a pregação. Motivos são talvez a falta de preparo, de gosto, de capacidade, mas sobretudo de fé intrépida e de ardente amor... E são religiosos que, no mais das vezes, têm mais tempo, e meios de preparo, e para cujas igrejas acorrem os fiéis em maior número, para as confissões e funções litúrgicas.

E hoje, que o rádio, música e imprensa invadem o mundo com artísticos programas, nessa impiedade provocante com tôdas as seduições do mal atraente, ao gosto da massa popular, hoje — oh! quantos ministros de Deus escondem o Evangelho atrás de um comodismo fácil, covarde, traidor... São vozes caladas, que deviam apregoar bem alto, «super tecta» o Evangelho, os direitos de Deus e sua Igreja, sôbre os progressos da civilização.

A voz da Igreja

Sôbre isso, não falta a insistência dos pastores e superiores nossos.

Ouçamos a Pastoral Coletiva n. 24: «Ainda que a pregação da palavra divina seja um ofício que mais estritamente incumbe aos Párocos, contudo todos os sacerdotes na sagrada ordenação recebem o poder que **não deve ficar infrutífero**, de anunciar ao povo as verdades do Evangelho e instruir os fiéis sôbre o meios necessários para conseguir a própria salvação». N.º 25: «Mandamos, portanto, que os capelães das Igrejas, capelas e oratórios públicos, haja ou não Irmandades, preguem ao Evangelho nos domignos e dias santos, sôbre a Religião, segundo a ordem do Catecismo por nós aprovado, ao menos dez minutos (êsse é o tempo marcado pelo Exmo. Sr. Cardeal do Rio de Janeiro); e tornamos a recomen-

dar que, à imitação do que se pratica em dioceses de outros países, todos os demais sacerdotes nas Missas que celebram em tais dias nas igrejas, capelas e oratórios públicos, façam o mesmo».

E o Concílio Plenário Brasileiro, d. 434 § 1: «His diebus, ad mentem canonis 1345, ceteri quoque utriusque cleri sacerdotes in qualibet missa brevem sermonem de Evangelio Dominicae vel festi currentis habeant, aut saltem ipsum Evangelium vulgari idiomate legant cum brevissima explanatione».

Pregar, portanto, o Evangelho, todo o Evangelho e somente o Evangelho, ligando, naturalmente, com tudo aquilo que tem atinência com as verdades eternas; e não política, só por política, vulgaridades, ou encher o tempo com palavras ocas. E' o que manda o can. 1347: «In sacris concionibus exponenda in primis sunt quae fideles credere et facere ad salutem oportet».

Pregar, pois, em primeiro lugar, o dogma. A crise religiosa do Brasil é a falta de convicção religiosa, de motivos da fé. Muitas pregações se reduzem a táboas secas de proibicionismos arbitrários até, sem motivar-se nas razões eternas de Deus.

Mostrar a verdade, o Credo religioso

Convém, portanto, nas pregações, seguir a ordem multissecular da Santa Igreja: Credo, Mandamentos, Sacramentos e Oração. Possivelmente ligando logo entre si as relações dêsse ciclo. Mas começar pelo dogma, ilustrado pela Liturgia. Notava o grande cardeal Mercier que nas cartas paulinas, como nos primeiros concílios da Igreja, o dogma ocupava nove décimos do total. Pois sem dogma a moral não se sustenta. Realmente é mais difícil. Porém é mais vantajoso.

Em seguida a moral, com todos os seus aspectos práticos para a vida moderna, com ascética e o grande cabedal que a Igreja nos oferece e que o povo de nós espera. Abramos, portanto, o cofre das riquezas investigáveis de Cristo e deixemos que as almas se abeberem dessas fontes do Salvador.

III — MÉTODO NA PREGAÇÃO ATUAL

Porém não basta só pregar de qualquer modo. Precisa usar método. Preparar-se para isso e mostrar ao povo que damos importância a êsse difícil munus, de que nunca seremos mestres, e sempre teremos que

aprender, mesmo as sumidades da oratória, embora para elas não ousemos ler estas páginas.

Ouçamos a citada Pastoral n. 19: «À estação da missa paroquial, regularmente depois do Evangelho, os Revdos. Párocos o explicarão ao povo, tirando dêsse tesouro inexaurível a matéria de suas instruções e práticas. Esta pregação deve ser sempre bem preparada, curta, simples, e adaptada às inteligências das pessoas rudes e ignorantes... Nisso os Revs. Párocos devem mostrar-se cheios de amor, de interêsse e de respeito para o seu auditório».

«Reprovamos enèrgicamente nas pregações paroquiais as vulgaridades, alusões pessoais e que possam parecer ofensivas... Reprovamos igualmente as repressões acres e violentas, a linguagem impaciente e colérica, a falta de ordem e de nexo nas idéias, de modo que o povo saia da igreja sem saber o que o Pároco disse... Pregar assim é o mesmo que não pregar» (n. 20).

Preparação

Ora, sòmente um que desde o comêço da semana pensa em sua homilia, pode proferí-la bem, como faziam os Santos Padres; S. Tomás avisa que a pregação deve brotar da plenitude da meditação, conforme aquêle seu lema: «Divina contemplari, et contemplata aliis tradere».

Como impressiona bem um que vive para sua pregação e de sua pregação.

Como impressiona mal outro que em tudo pensa: jornais, rádio, conversas e futebol e diversões e mil coisas... mas prepara o Evangelho apenas quando está lendo na missa... Precisa, pois, estudar. Não improvisar em coisa tão santa e séria. Preparar dias antes, consultando livros, meditando na experiência, na psicologia e necessidade do próprio rebanho. Sobretudo na oração.

E assim escudado, procurar não dizer sempre as mesmas palavras, embora rebatendo as mesmas eternas verdades. E para que anualmente não se repisem os mesmos períodos, talvez valesse a pena dividir assim as pregações em ciclos de três anos: 1. ciclo — Parte litúrgica, exegese literal da Epístola e Evangelho. Com efeito, há trechos, na perícópe dominical, que quase nunca são explicadas. Outro, que tem exegese nova na Escritura. Hoje, com a invasão protestante, não podemos deixar de apegar-nos ao texto sagrado.

2. ciclo — Dogma e moral, contidos na perícópe evangélica, segui-

dos de aplicações alegóricas, exemplos da Bíblia e História da Igreja, confrontados com a atualidade.

3. **ciclo** — Resumo do Evangelho e encaixe do mesmo nas encíclicas papais, nos Santos Padres e escritores cristãos modernos. Para isso, poder-se-ia também aproveitar do mês de maio, páscoa, novena, tríduos, etc. Aproveitar de tôdas as ocasiões, «importune et oportune». Já S. Francisco de Sales se lamentava que alguns fàcilmente preteriam a pregação. Era de parecer que fosse curta, mas frequente, sem perder ocasião, usando de todos os meios. Cada um de nós deveria fazer esta pergunta: «Que faria S. Paulo, como agiria nosso Fundador, com relação à pregação, se estivesse hoje, no Brasil?». Talvez a resposta fosse muito mais forte do que estamos pensando, aproveitando de meios que nos parecem estranhos, sendo mais largos de coração do que nós próprios, especialmente procurando a união entre nós, o auxílio no ministério, etc.

Norma da Igreja na pregação

Para apoiar nossa idéia em bases seguras, ouçamos a norma de Pio X na «Acerbo Nimis», para os que devem pregar o Evangelho ou ensinar catecismo:

- a) Escolher algumas verdades relativas à fé e aos costumes cristãos, expô-las e explicá-las em todos os seus aspectos.
- b) Comparar o que Deus manda fazer e o que na prática fazem os homens.
- c) Tirar em ocasião oportuna algum exemplo da Sagrada Escritura, da História da Igreja ou da vida dos Santos.
- d) À luz de tais exemplos, aconselhar aos ouvintes e de certo modo assinalar-lhes a norma pela qual devem ajustar a vida.
- e) Terminar exortando os presentes a fugir dos vícios e a praticar a virtude.

Eis pois todo o grandioso panorama da pregação apostólica: dogma, moral, Liturgia, exemplo da Bíblia, História da Igreja, etc.

Atualidade

E nisso seguir o método da atualidade. Pio XI, na «Ad C. Sac. fastigium» diz que o sacerdote deve ser «sadiamente moderno». Devemos acompanhar os tempos. Sobretudo na pregação. Diz Tihamer Toth que

o pregador deve numa mão ter o Evangelho; e na outra o jornal do dia, como a comparar ambos.

Somos médicos: urge dar o remédio a êste grande doente que é nosso século, conforme a doença que tem, como Jesus com o seu tempo.

Transportar, pois, o Evangelho de Cristo para nossa época. Revestir a eternidade com as côres do nosso meio. Revelar ao mundo de hoje a face de Cristo oculta no Evangelho, para ser descoberta com estudos e preparação sobrenatural à luz da fé e ao calor do amor a Deus e às almas. Infelizmente não sabemos muitas vêzes traduzir o Evangelho na língua das coisas modernas. Filhos da Igreja, Mãe e Mestra da Civilização em todos os tempos, Igreja gloriosa que no paganismo informou tudo com alma cristã, nós, seus filhos, nem sempre sabemos retratar e descobrir a fisionomia de Cristo para êste mundo inquieto que quer paganizar-se. Se a alma humana é naturalmente cristã, cumpre-nos a nós sacerdotes, vindicar os direitos do Redentor. Cristo quer amar por nossos corações. Falar por nossos lábios. Agir por nossos braços, para homens de nossa época, que nos entendam, e nos amem e façam assim o que Deus quer dêles na hora presente.

E assim apresentemo-nos ao púlpito, como legados de Cristo, alegres por trazer-lhes uma mensagem há muito preparada, ser tem a pretensão de ver o mundo convertido: mas alegres por termos cumprido um dever que Deus nos recompensará, se fizermos como êle espera. Os mestres de Israel devem pregar. Mas lembrados que o único Mestre é Cristo, princípio, centro e fim de tudo, que devemos interpretar nas palavras e ações. Sendo assim, cumpramos nosso dever com amor.

Amor, é o fim de tôda a nossa pregação, como diz S. Paulo 1 T 1,5: «Este é o fim de tôda a nossa mensagem: que a caridade nasça de um coração puro, de uma fé sincera em boa consciência». Que a Virgem Imaculada, Peregrina do mundo na imagem de Fátima, nos ensine a pregar assim, e a viver o que pregamos.



«O APOSTOLADO DO CINEMA NO MINISTÉRIO PASTORAL»

Pe. José Angrill, C. M. F.

I

«Importância e necessidade do apostolado cinematográfico»

No dia 29 de Junho de 1936, o Sumo Pontífice Pio XI, dirigiu ao episcopado norte-americano a carta encíclica «Vigilanti Cura», na qual dava orientações e normas precisas, para todos os bispos do mundo, com relação ao cinema.

Dessa data em diante todos os que se propõem estudar temas cinematográficos, no sentido moral, educativo ou social, procuram alicerçar suas razões nesse célebre documento pontifício.

A dizer verdade, porém, não foi nessa encíclica, a primeira vez que o chefe da Igreja, se referiu ao cinema: pois já na «Divini Illius Magistri», sobre a educação da juventude, em 31 de Dezembro de 1929, manifestou-se favorável ao apostolado do bom cinema, com as seguintes palavras: “São dignas de louvor e apôio tôdas as obras educativas, que com espírito sinceramente cristão de zêlo pelas almas dos jovens... se consagram a... promover espetáculos verdadeiramente educativos, criando até, com não pequenos sacrifícios, teatros e cinemas, em que a virtude não só não tenha nada a perder, mas até muito a lucrar” (Divini Illius Magistri, 94).

Esta primeira voz pontifícia de elogio e encorajamento aos que começam a lutar de um modo positivo contra o mau cinema, embora só no campo da exibição, foi como um raio de luz vivíssima a dissipar as sombras, espalhadas por numerosos educadores e pregadores opositoristas, que com insistência queriam apontar nesse maravilhoso invento, exclusivamente um inimigo da virtude, e não uma nova fôrça a ser aproveitada para a felicidade das almas e a difusão do bem.

Contudo foi a inspirada “Vigilanti Cura” que baniu duma vez a perniciosa influência das opiniões ilógicas e prejudiciais.

Essa memorável encíclica alargou os caminhos do zêlo apostólico; apregoeou solenemente a necessidade inadiável de agir para a conquista do poder da tela; concitou os bons filhos da Igreja a entrarem, sem receio e com ânimo decidido, em todos os setores da indústria cinematográfica; deu até normas precisas, para garantia de êxito, não só no campo da exibição, senão também no terreno da distribuição, chegando até às avançadas linhas da produção.

Também S. Santidade Pio XII tem repetidas vêzes pedido, reclamado e exigido maior atenção das forças católicas para o mundo do cinema, donde os inimigos da fé, como duma fortaleza inexpugnável, estão lançando sôbre os povos, êrros destruidores que abalam ininterruptamente até as bases da religião, da família e da própria sociedade civil.

Não pretendo, neste trabalho, recorrer diretamente a outras fontes, fora dêstes documentos eclesiásticos para provar que nós, religiosos, somos obrigados a tomar parte bastante ativa no apostolado do cinema e pelo cinema, apesar de sua modernidade, de sua dificuldade e de sua atual maldade.

I — MODERNIDADE DO CINEMA

Há apenas pouco mais de meio século, que êsse veículo de imagens vivas foi inventado na França pelos irmãos Lumière.

Nem os inventores, nem os primeiros conhecedores do novo maquinismo podiam sonhar no seu rápido aperfeiçoamento e na quase instantânea extensão no espaço, pois, em poucos anos apareceram empresas produtoras e salas de cinema, nas principais nações do mundo. E o que parecera no comêço um simples e inocente passatempo, veio logo transformar-se em milhares de centros de atração e numa forma mais avançada de expressão de pensamento. Forma mais viva, mais dominadora, mais breve e mais universal que as outras conhecidas.

Durante 25 anos o cinema permaneceu silencioso; para entrar logo no reino dos sons, onde adquiriu novas modalidades tornando-se mais poderoso ainda, e agora revestindo-se da terceira dimensão, vai possuir um vigor de realidade tão impressionante, que terá a fôrça psicológica dum exemplo realçado, superior a todos os exemplos da vida real.

Ê por esta modernidade, não precisamente no sentido cronológico, senão de um modo particular no progresso técnico e artístico de

penetração nos espíritos, que o apóstolo deve olhar para o cinema, no intuito de fazer dêle um novo instrumento da glória de Deus. Assim diz Pio XII: «É muito necessário e urgente cuidar para que os progressos da ciência e da arte, e mesmo da arte da indústria técnica, verdadeiros dons de Deus, sejam dirigidos de tal modo à glória de Deus, à salvação das almas, à extensão do reino de Jesús Cristo sôbre a terra, que todos, como a Igreja nos faz rezar, aproveitemos os bens temporais, de modo a não perder os bens eternos» (Vigilanti Cura, 6).

II — DIFICULDADE DO CINEMA

As enormes dificuldades à primeira vista insuperáveis que se opõem ao apostolado cinematográfico, constituem a primeira causa do pouco fruto, que as sementes da «Vigilanti Cura», têm conseguido produzir até agora.

O próprio Pio XII reconhece êstes graves impecilhos, quando insinua: «Por ser, porém, como Nós bem o sabemos, muito difícil organizar uma tal indústria, principalmente por motivos de ordem financeira...» (Vigilanti Cura, 30).

Além do aspecto econômico, apresenta a cinematografia outros problemas de difícil solução, quais sejam: Os monopólios dos grandes produtores internacionais, que dominam a maior parte das salas exibidoras; e nos meios católicos, o desconhecimento prático de ser o cinema, «o meio mais poderoso para exercer influência sôbre as massas» (Vigilanti Cura, 18).

Esta ignorância do poder do cinema que tem havido em geral, na aplicação das normas pastorais, constitue, sem dúvida, a maior barreira para o aproveitamento espiritual da sétima arte.

Não tem penetrado ainda suficientemente no coração de muitos apóstolos modernos as palavras de Pio XI: «É uma das supremas necessidades do nosso tempo fiscalizar e trabalhar com todo afinco para que o cinema não seja uma escola de corrupção, mas que se transforme em um precioso instrumento de educação e de elevação moral» (Vigilanti Cura, 26).

No dia em que nós, religiosos, como filhos mais devotados da Igreja, resolvermos trabalhar decididamente, não apenas com boa vontade na firme convicção de que a transformação do cinema em instrumento de

apostolado, constitue uma necessidade suprema, encontraremos meios para vencer todos os obstáculos.

III — MALDADE DO CINEMA

Que até o presente o cinema tenha sido um instrumento de maldade, uma escola de perversão, é voz unânime da experiência diária, dos verdadeiros educadores, dos zelosos sacerdotes, da própria Igreja, a primeira em denunciar, pela autoridade de Pio XI «o mal enorme que os maus filmes produzem na alma. Por glorificarem o vício e as paixões, são ocasiões de pecado; desviam a mocidade do caminho da virtude, revelam a vida debaixo de um falso prisma; ofuscam e enfraquecem o ideal da perfeição; destroem o amor puro, o respeito devido ao casamento, as íntimas relações do convívio doméstico». (Vigilanti Cura, 21).

Os próprios industriais da tela reconhecem quanto o cinema tem contribuído para a desmoralização da sociedade. Ouçamos apenas o testemunho do produtor mexicano Maurício de la Serna: «Desta espantosa cátedra de prostituição que são as películas atuais, desta corrupção de gosto e dos costumes, todos nós somos, em maior ou menor grau culpados. Temos colaborado na insistência e no abuso de temas sexuais. Já é hora, porém, de que nós, produtores, retifiquemos nossa linha de conduta».

Eis o que nos compete, a todos, perante essa situação desoladora. Como diz a Vigilanti Cura: «envidar todos os esforços, usar de todos os meios, principalmente da imprensa, para que o cinema se torne cada vez mais um elemento precioso de instrução e de educação, e não de destruição e de ruína para as almas!» (Vigilanti Cura, 5).

E se alguém opuser que os ingentes trabalhos educativos, que os religiosos desenvolvem nos colégios, e as outras atividades pastorais, nas associações e no ministério sacerdotal, não deixam tempo para interessar-se pelo bom cinema, eu responderia com Pio XI: «A eficiência poderosa das nossas escolas, das nossas associações de Ação Católica e mesmo do sagrado ministério está diminuída e posta em perigo pela chaga dos maus cinemas, tão prejudiciais» (Vigilanti Cura, 40).

IV — O CINEMA NOSSO GRANDE COOPERADOR

Não é apenas para evitarmos o prejuízo que causa ao nosso trabalho espiritual, que se torna indispensável um conhecimento mais

profundo e uma ação mais constante e compreensiva do problema cinematográfico, chamado pelo Papa de «suma importância» (Vigilanti Cura, 3); senão também, e principalmente para termos nêle o mais forte cooperador. A conversão do cinema há de trazer um duplo resultado, de efeitos surpreendentes e rápidos, que raramente se conseguiriam com outros trabalhos pastorais.

As boas representações de cinema, diz a «Vigilanti Cura», «podem exercer uma influência profundamente moralizadora sôbre seus espectadores. Além de recrear, podem suscitar uma influência profunda para nobres ideais da vida, dar noções preciosas, ministrar amplos conhecimentos sôbre a história e a beleza do país, apresentar a verdade e a virtude sob aspecto atraente, criar e favorecer, entre as diversas classes de uma cidade, entre as raças e entre as várias famílias, o recíproco conhecimento e amor, abraçar a causa da justiça, atrair todos à virtude e coadjuvar na constituição nova e mais justa da sociedade humana!» (Vigilanti Cura 22).

A fim de mais evidenciar as vantagens do apostolado do cinema, será útil trazer aquí um trecho de célebre artigo que em 1935 escreveu o grande batalhador da pena, P. Remigio Vilariño, S.J. na revista «El Mensajero del Corazón de Jesús» de Espanha, e que teve notável repercussão: «Os que tenham recursos e queiram fazer uma grande obra, como a das missões, porque o cinema é hoje uma pregação; uma grande obra como a das escolas, porque o cinema é hoje uma escola; uma grande obra, como a da imprensa, porque o cinema é hoje a imprensa; uma grande obra, como a do catecismo, porque o cinema é hoje uma catequese; uma grande obra auxiliar da Ação Católica, porque o cinema pode ser um dos auxiliares mais eficientes da educação e da Ação Católica, atendam ao problema da cinematografia. É o Papa que nos fala, são os fatos que o proclamam».

II

Meios Práticos de Ação

Vamos agora fazer algumas indicações que nos possam guiar na realização do apostolado moderno, difícil e heróico que estamos preconizando.

Também neste terreno prático, encontraremos na «Vigilanti Cura», conselhos e orientações de grande valor, que poderemos ir aplicando, dentro das variadas circunstâncias da vida.

1 — EXIBIÇÃO

Com relação aos filmes que circulam nas salas públicas de cinema, o Papa dá a seguinte norma: «É necessário que os pastores de almas se interessem pelos filmes que estão atualmente ao alcance do povo cristão» (Vigilanti Cura, 30). Por tanto estaria fora do sentido da Igreja, o pregador ou escritor, que quisesse proibir a assistência a qualquer filme, condenando o cinema de um modo absoluto.

Não há dúvida que é muito mais cômodo lançar uma série de maldições contra a imoralidade do cinema, do que estudar em livros e revistas de cultura cinematográfica, separando o lícito do ilícito, para formar nos fiéis uma mentalidade segura de reação e combate aos filmes prejudiciais, e ao mesmo tempo, de apóio e recomendação em favor daqueles, embora ainda em reduzido número, que respeitam e favorecem a virtude.

Também o atual pontífice Pio XII, quando cardeal, em 27-7-34, numa carta oficial sobre o cinema e seus perigos, dirigida ao Cônego Brohée, presidente do Bureau Católico Internacional do Cinema, escrevia entre outros importantes conceitos: «Se por uma parte é necessário pôr em prática uma resistência prudente e firme ao mal que tudo invade, fazendo oposição às representações contrárias à concepção cristã do mundo e à vida inspirada nos bons costumes, por outra parte impõe-se, com maior urgência ainda, a necessidade de uma ação positiva e concorde, a fim de fazer do cinema um instrumento de boa educação».

Os progressos científicos são também dons de Deus, dos quais devemos servir-nos para a sua glória e para a propagação de seu reino.

Para os católicos de todos os países tem de constituir um dever de consciência ocupar-se desta questão, que adquire cada vez maior importância!

A primeira norma, pois, pode-se resumir nesta frase: aos maus filmes oposição; aos bons filmes decidida proteção.

Concretizando ainda mais a idéia num exemplo, compreenderemos melhor o alcance deste progresso, que sem deixar de combater o mal, dá mais importância à propagação do bem.

É numa cidade, onde os religiosos que dirigem a paróquia, unânimemente, recomendam determinado filme que está no cartaz do cinema local, porque sabem do seu valor educativo. O Empresário satisfeito pelo apóio que lhe faz haurir maiores lucros, não deixará de interessar-se por essa qualidade de filmes.

Faça-se isto com persistência em milhares de cidades e virá consequentemente o aumento de bons filmes de parte das empresas produtoras.

Precisamos prestigiar as produções que merecem ser conhecidas, se queremos conseguir melhores resultados no sentido em que nos fala a suprema autoridade da Igreja.

2 — PRODUÇÃO

A chave do apostolado cinematográfico, para o bem das almas, está na multiplicação dos bons filmes sob o aspecto moral, técnico e artístico.

A recomendação de que acabamos de falar não é suficiente; embora fácil para todos e necessária, o seu efeito é apenas indireto.

O Papa deseja que cheguemos ao próprio campo da indústria dos filmes e façamos compreender aos católicos que nela labutam, a obrigação que lhes incumbe de influir em favor dos princípios morais da vida industrial a que se dedicam. Ouçamos as palavras pontifícias:

«O número de católicos executores, ou diretores, autores e atores nos filmes não é pequeno, e infelizmente sua influência na confecção dos filmes nem sempre foi de acôrdo com a sua fé e suas idéias. Será dever dos bispos estimulá-los a fazer concordar sua profissão com a consciência de homens respeitáveis e discípulos de Jesus Cristo» (Vigilanti Cura, 31).

Pode ser que estejam perto de nós jovens que serão futuramente produtores, técnicos ou artistas em tantas companhias cinematográficas, que vão surgir no Brasil. A formação espiritual dêsses futuros cineastas é de tal transcendência, que nos deveríamos considerar obrigados a garanti-la, pelas consequências que ela poderá ter em dezenas de filmes. É o apostolado da previsão, que, se em todos os aspectos da vida é digno de especial consideração, no campo do cinema adquire um valor verdadeiramente incalculável.

A «Vigilanti Cura», chegando até a última etapa do curso que poderíamos chamar: «Preparação à Filmologia Católica», apresenta sem receios, o ponto final do audacioso programa, que pretende conquistar para o bem êsse dominador do mundo, o cinema.

Eis o anseio culminante de Pio XI: «O problema da produção de filmes morais seria radical e felizmente resolvido, se fôsse possível

obter uma produção cinematográfica, inspirada completamente nos princípios da moral cristã. Por êsse motivo não nos cansaremos de louvar aquêles que se consagraram e se consagrarão ao nobre intuito de elevar a cinematografia à função da educação humana e às exigências da consciência cristã. Empreendam isto com a competência de técnicos e não de simples amadores, para evitarem prejuízo de dinheiro e de energia!» (Vigilanti Cura, 29).

Quanto a esta parte, para a qual devem concorrer diversos e importantes fatores, compete-nos:

1.º) Estimular, inspirar e aconselhar aquêles elementos católicos que estão em condições de poderem contribuir comercialmente para essa produção ideal, desde que mereçam confiança e tenham suficientes garantias de êxito.

2.º) Distinguir com a nossa solidariedade as iniciativas que surgirem de parte de qualquer Instituto religioso ou secular, que tiver por fim êste belo apostolado, ou a êle se dedicar com a devida aprovação da Igreja.

3.º) Cooperar ativamente nas obras de apostolado cinematográfico, que tem base para prometer boas realizações; mas que precisam de apôio, para se poderem desenvolver, até alcançar as proporções que essa atividade exige.

4.º) Finalmente ousarei propôr as linhas gerais de um plano concreto, que devidamente aplicado, feitas as necessárias emendas, poderia nos dar um número de filmes suficiente, a causar efeitos verdadeiramente renovadores.

Preciso adiantar que neste ponto é desde já indispensável transpôr as fronteiras nacionais. Um bom filme, para compensar as elevadas despesas que supõe, deve ser exibido em muitas sessões.

Como a maior parte das salas particulares de paróquias, colégios e centros educativos, que são as que interessam para o caso, dependem dos religiosos, ou têm com êles alguma relação próxima ou remota, o primeiro passo consistiria em formar uma «União Religiosa de Apostolado Cinematográfico», na qual todos os Institutos de vida ativa seriam representados por um ou dois membros, nomeados pelos respectivos superiores maiores.

Esta «União Religiosa de Apostolado Cinematográfico», estudaria imediatamente a instituição e orientação de uma grande produtora, dentro da qual haveria especiais vantagens, para todos os exhibi-

dores nacionais e estrangeiros que quisessem formar parte dela, a maneira de uma extensa cooperativa.

Assim evitaríamos, como os grandes monopólios, a desagregação de forças econômicas, que existe em prejuízo dos que produzem filmes, quando têm de dividir as rendas entre produtores, distribuidores e exibidores.

As salas dos Institutos Religiosos seriam os principais exibidores, e ao mesmo tempo, através da Cooperativa de produção que faria diretamente a distribuição, a União de Apostolado Cinematográfico fiscalizaria e dirigiria os lucros para criações cada vez mais numerosas e mais perfeitas.

Os pormenores de um regulamento para esta União Religiosa de Apostolado Cinematográfico, deveriam ser determinadas por ela própria, uma vez constituída; bem como ditaria as normas para a entidade produtora.

CONCLUSÃO

O último anuário Estatístico do Brasil, que publica os dados de 1950, dá os seguintes números oficiais com relação ao cinema em nossa Pátria: Salas públicas de cinema, 2.248. Espetáculos cinematográficos, 700.337. Espectadores, 185.668.090.

Não se incluem as salas particulares com projetores de 16mm., que são milhares em todos os Estados. Isto revela a força avassaladora do cinema, e como o Santo Padre tem razão ao insistir repetidas vezes na obrigação que pesa sobre todos aqueles que têm responsabilidade apostólica, de estudarem, trabalharem e se sacrificarem, para conduzir tamanha energia difusora de ideais e sentimentos, dentro das leis morais a que estão sujeitos os indivíduos e as sociedades.

Não é pois de admirar que a «Vigilanti Cura» lançasse aquele brado angustioso, perante a indiferença ou pouca compreensão de grande número de filhos da Igreja, referindo-se ao cinema: «É dever dos bispos de todo o orbe católico unirem-se para fiscalizar esta universal e poderosa forma de diversão e de ensino» (Vigilanti Cura, 28).

Aos que acham que o ambiente cinematográfico é muito profano e impróprio do religioso, poderemos responder que o Papa sabe disso, e contudo, para tirarmos quaisquer dúvidas quanto à importância do aspecto espiritual do problema, na carta do Cônego Brohée, afirma que o apostolado do bom cinema serve à glória de Deus e ao bem das almas, sendo como é um **santo apostolado**.

UM SÉCULO A SERVIÇO DA EUCARISTIA

J. A. Leme, S. S. S.

U'a Missão na Igreja

Treze de maio de 1856. Na cúria arquiepiscopal de Paris, dois sacerdotes esperam, não sem ansiedade, uma resposta do Arcebispo que será de graves conseqüências.

Alí chegando o Sr. Arcebispo e apenas informado da finalidade daquela visita, lembra-se imediatamente do relatório do seu Auxiliar, e com um «não» sêco, tenta encerrar no mesmo momento a audiência. «Não, é uma Obra puramente contemplativa. Não nos interessa». — «Mas V. Excia. engana-se, replica com vivacidade o Pe. Eymard. Devemos, também, nos ocupar de obras como, por exemplo, a da Comunhão de Adultos!» A fisionomia do prelado transfigura-se: «Comunhão dos Adultos, é a obra que me falta!...» E, tomando pelo braço os dois sacerdotes, os introduz em seu gabinete para tratar do problema com maior atenção.

Estava aprovada pelo Pastor da Arquidiocese de Paris, o projeto do humilde Padre Marista — a fundação de uma Sociedade totalmente dedicada ao culto e ao apostolado eucarísticos. Nascia a **Congregação do SS. Sacramento!** Iniciava-se uma nova página nos fastos da devoção eucarística, abria-se um novo capítulo no Século da Eucaristia!

O passo que acabava de dar aquêlê humilde sacerdote francês, era, no entanto, a coroação de um longo processo da obra da graça, processo de amadurecimento de insistentes e evidentes graças eucarísticas recebidas desde os primeiros anos de sua infância. Certamente, aquela criança, que, subindo ao altar e encostando a cabecinha no Tabernáculo para «melhor escutar a Jesus», ou aquêlê jovem, que sustenta lutas heróicas para atender ao chamado do Mestre, e que, mais tarde, sacerdote ferveo-

roso, passa o seu tempo livre estudando ante o Sacrário, ou manda abrir uma janelinha no seu quarto para viver na presença de N. Senhor, certamente essa alma privilegiada estava destinada a propagar, na Igreja de Cristo, a devoção à SSma. Eucaristia. Coadjutor em Chette, pároco em Monteynard, religioso Marista, Diretor do Colégio, Fundador da Ordem Terceira de Maria, Visitador e Provincial da Sociedade de Maria: foram etapas, que o conduziram à missão de Fundador da Congregação do SS. Sacramento. (1).

De fato, no admirável organismo da Igreja de Deus, tudo é harmonia e equilíbrio. O depósito da Revelação, diligentemente custodiado pela Igreja, êsse tesouro de realidades vitais e vivificadoras, é posto em atuação por essas personalidades bem definidas — os santos Fundadores. A pequenez do homem põe em risco o aproveitamento, que se pode e deve retirar de tôda a riqueza dessas verdade. E é por isso que «em face dos desvios do pensamento humano, o papel providencial dos santos foi o de reconduzir os homens ao espírito do Evangelho, ou aproveitar verdades cristãs, até então inexploradas» (2). Nessas perspectivas é que se enquadram, na Igreja, as Ordens e Congregações Religiosas, que têm por fim um princípio unificador das suas atividades. Dessas realidades sagradas, uma há, entre tôdas, mais preciosas: o mistério de Amor da Presença Real de Jesus Cristo na SSma. Eucaristia.

E é precisamente da consideração e do justo aprêço dessa Presença que nasce a Congregação do SS. Sacramento. É dessa necessidade, sentida, de responder com uma presença total e perpétua a essa Presença de Jesus Cristo, que brota, na Igreja, uma corrente de espiritualidade bem definida e característica.

Esse ideal é expressamente definido na súplica feita ao Sto. Padre Pio IX pelo Pe. Eymard em agosto de 1855: «A vista do amor de Jesus Cristo no seu adorável Sacramento, e do isolamento em que O deixa a escassa piedade dos fiéis, da indiferença de tantos cristãos... um pensamento suave e forte, ao mesmo tempo, dizia-me: Porque o maior dos mistérios não haveria também a sua congregação religiosa, como os demais mistérios? Por que não haveria homens com uma missão perpétua de oração aos pés de Jesus Cristo no seu Divino Sacramento? Por que o Rei dos reis não possuiria, também, a sua guarda de honra, velando dia

(1) Supomos já conhecida dos leitores a vida de Bem. Eymard. cf.: "O Bem. P. J. Eymard. (Rio, 1953).

(2) Pe. M.M. Philippon, O.P. "Ste Thérèse de Lisieux, une voie toute nouvelle", 4e. ed., p. 265.

e noite, diante do seu Divino Tabernáculo, no exercício perpétuo de adoração, agradecimento e desagravo?... A Congregação do SS. Sacramento não se contentaria com essa missão de preces e contemplação. Dedicar-se-ia apostolicamente à salvação das almas, seguindo todos os caminhos que pode inspirar um zelo sábio e esclarecido e a divina caridade de Jesus Cristo». (3).

Para responder pois, a essa necessidade, na Igreja, de uma família religiosa totalmente dedicada ao culto do SS. Sacramento, tendo a Eucaristia como **princípio, meio e fim** da perfeição cristã e religiosa e promovendo a devoção ao Sacramento de amor por um apostolado exclusivamente eucarístico, suscita Deus a alma generosa do Pe. Eymard. O Santo Padre Pio XII proclama que «estava reservado, nos desígnos de Deus, aos tempos modernos e à Adoração Perpétua, inaugurada pelo zelo inflamado do Bem. Eymard, glorificar por um culto solene e contínuo, com magnificência nunca vista nos séculos passados, o Verbo de Deus feito homem, verdadeira, real e substancialmente presente no Sacramento de amor». (4).

Serviço Eucarístico por Amor

Essa missão de adorar e fazer adorar a divina Pessoa de Jesus Cristo Sacramentado será a finalidade característica da Congregação do SS. Sacramento. «A razão última dêsse Instituto, diz o n.º 2 das suas Constituições, consiste em oferecer, sob a guia e proteção da Imaculada Virgem Maria, a Jesus Cristo Deus e Nosso Senhor, que por amor dos homens permanece dia e noite, na Eucaristia, verdadeiros e perpétuos adoradores, animosos zeladores e apóstolos da sua glória e do seu amor, para que, assim, Jesus receba sempre adoração nesse Sacramento e seja socialmente glorificado em todo o mundo».

Esse ideal dará origem a uma **espiritualidade** bem característica, que bem se pode definir em «Serviço Eucarístico por Amor».

Organizada a Congregação dentro do quadro «Religiones Clericales Juris Pontificii», com três votos de Pobreza, Obediência e Castidade, e o exercício da vida comum, uma nova orientação, no entanto, vem dar-lhe aspecto característico. Essa vida religiosa mesmo já não será tanto um fim em si, mas um meio de glorificação da Sma. Eucaristia, meio de melhor Serviço Eucarístico.

(3) Cf. "O Bem. Pedro Julião Eymard", pag. 286.

(4) Discurso ao III Congr. Nac. de Sacerdotes Adoradores da Itália, 1939.

O **Serviço Eucarístico**, que empenha na sua totalidade as atividades e a própria pessoa dos seus religiosos, integra-se no **Serviço de Adoração** e no **Serviço de Ação**, êste subordinado àquele e como que dêle debordante.

Nesse **Serviço de Adoração** distingue-se o **Serviço Coletivo**, Solene da recitação coral do Ofício Divino diante do Smo. Sacramento exposto, e o **Serviço Individual** de uma hora de Adoração cada oito horas do dia e da noite. A fim de unificar, por assim dizer, a piedade objetiva da Liturgia da Sta. Missa à piedade pessoal no exercício da Adoração, o Pe. Eymard legou à sua família religiosa um excelente método de adoração segundo os quatro fins do Sacrifício da Missa, que constitui como que uma prolongação espiritual do Sacrifício Eucarístico. À homenagem do Ofício Divino e da Adoração, está intimamente unido, como forma de serviço direto da Sma. Eucaristia, o culto eucarístico solene e perpétuo, segundo as normas da Sta. Liturgia Romana. «A Exposição solene do Smo. Sacramento, segundo o Bem. Eymard, não é sòmente o meio de oferecer a N. Senhor Sacramentado a homenagem do nosso Ofício e da nossa Adoração, mas é, em si mesma, a glorificação solene e litúrgica do Smo. Sacramento, realizada pela Igreja e por todo o nosso Serviço». (5).

Já que « uma vida puramente contemplativa não pode ser plenamente eucarística, pois o fogo tem uma flama » (6), o **Serviço de Ação**, fim essencial, se bem que subordinado à vida contemplativa, concretizar-se-á, para os Sacerdotes, no Apostolado eucarístico, que visa excitar a fé e alimentar o amor e o culto do Smo. Sacramento, nas almas; e para os Irmãos Conversos, nos diferentes encargos exigidos pela vida comum, unidos todos num estreito espírito de fraternidade e amor, virtudes próprias do Cenáculo. Entretanto, todo êsse Serviço Eucarístico deve ser animado por um espírito de amor. É o que exige o n.º 3 das Constituições: «O espírito com que os membros dêste Instituto devem servi-lo e a si mesmos santificar-se... é, sem dúvida, o espírito de caridade com que Nosso Senhor instituiu o Smo. Sacramento da Eucaristia, no qual perpetua o dom de seu amor para a maior glória do Pai. Seja, pois, êste amor eucarístico de Jesus a maior regra de virtude, objeto de zêlo e como distintivo da santidade dos nossos » (7).

A Espiritualidade do Serviço Eucarístico por Amor atinge a sua

(5) Pe. Núñez, S.S.S.: "La spiritualité du P.P.J. Eymard (Roma, 1956), p. 356.

(6) Carta do Bem. Eymard ao Pe. de Cuers, Lettres, I, 110

(7) Pe. Núñez, S.S.S., op. c., p. 345.

expressão mais perfeita na doação total e completa da «própria personalidade» a Jesus Sacramentado. É o que se denomina o «dom de si» ou «dom da personalidade».

O Bem. Eymard afirma: «Nossa Sociedade deve resumir-se nestas palavras: devotamento de amor ao serviço e à gloria de N. S. Jesus Cristo no Smo. Sacramento».

Eis, em rápidas linhas, esboçados o fim e a Espiritualidade da Congregação do Smo. Sacramento.

Algo seja dito sobre os meios de que se serve a Congregação para atingir o seu soberano fim — promover a devoção ao Smo. Sacramento. Eles podem resumir-se em: **Associações, Ministério da pregação e Publicações.**

Entre as **Associações**, de que se ocupa a Congregação, destaca-se a **Agregação ou Guarda de Honra**, que alista nas suas fileiras as almas piedosas, que se propõem a fazer uma hora de adoração mensal. Para os que desejam unir-se mais estreitamente à Congregação, fazendo uma hora de adoração diária, há a **Fraternidade Eucarística**. O clero secular, para o qual a Congregação dirige particular atenção, é convidado a ingressar na Associação dos **Sacerdotes Adoradores**, comprometendo-se a fazer uma hora de adoração semanal, gozando dos privilégios da Congregação. Para os homens, há a **Obra da Adoração Noturna**.

À essas associações vêm juntar-se a **Obra da Exposição do Smo. Sacramento nas paróquias**, as Associações destinadas a promover a **Comunhão frequente**, a **Primeira Comunhão dos Adultos**, a formação eucarística das classes sociais, etc..

No campo do ministério pela palavra, têm lugar proeminente os **Retiros aos leigos, sacerdotes, seminaristas e religiosos**, a **Pregação das XL Horas**, de **Congressos Eucarísticos**, **Semanas e Tríduos Eucarísticos**, etc.

A organização de **Congressos Eucarísticos**, **Secretariados Eucarísticos** e similares enquadram-se perfeitamente no âmbito das suas atividades.

Enfim a Congregação promove a devoção e o culto da Sma. Eucaristia pela palavra escrita: inúmeras são as revistas e publicações a esse fim destinadas, especialmente as **Revistas Eucarísticas do Clero**.

«Rêde de Fogo»

A flama eucarística atizada pelo Pe. Eymard, não podia deixar de se alastrar pelo mundo, pois, diferentemente de muitas Congregações

Religiosas, que só devem a determinadas circunstâncias o seu desenvolvimento fora da região ou país onde nasceram, a Congregação do Smo. Sacramento tinha, desde o comêço, como fim mesmo, destino mundial. Num impulso de amor, bem demonstrando a grandeza da sua missão, o Pe. Eymard exclamara: «Eu desejaria cobrir a terra com uma rêde de fogo!» A seus religiosos dizia: «Lembraí-vos que fostes chamados a incendiar os quatro cantos do mundo com a flama ardente de Jesus exposto sôbre os altares» (8).

Em 1868, quando o seu Fundador recebia a recompensa eterna, a Congregação contava com sete casas, uma das quais na Bélgica, e cinquenta religiosos. Apesar de tantas dificuldades, o seu desenvolvimento se processa num curso rápido e promotor. Em poucos anos, Áustria, Itália, Espanha, Holanda, Suíça, Tchecoslováquia, Alemanha e Inglaterra recebem a graça de possuir Tronos de Adoração Perpétua.

Esse alastrar-se do fogo eucarístico devia, necessariamente, efetuar-se, pois «a ciência da Eucaristia é luz e é fogo: luz que tende a alumiar; fogo, que precisa atear-se» (9).

Em 1890, um primeiro contingente de pioneiros da Adoração Perpétua atravessa o Atlântico, com destino ao Canadá. Dalí aos E. Unidos, o passo é curto. Na América do Sul, foi à Argentina que coube a primeira fundação, em 1903. Vinte e três anos mais tarde, é ao Brasil que se estende o apostolado sacramentino. Austrália, África e Índias são etapas subseqüentes, que vem atear fogo eucarístico aos quatro cantos do universo!

A centelha lançada pelo Pe. Eymard ateou-se pelo mundo, de tal maneira, que, ao completar o seu Primeiro Centenário, a Congregação do Smo. Sacramento pode ufanar-se de possuir 81 Cenáculos de Adoração Perpétua espalhados por 21 países diferentes, desde as selvas africanas até o frígido Canadá, desde a longínqua Austrália ao nordeste brasileiro, constituindo 12 Províncias e 1 Vice-Província com 1444 religiosos, dos quais 691 sacerdotes, 354 escolásticos e 399 Irmãos Conversos que trabalham ativamente pela extensão do Reino Eucarístico de Jesus Cristo.

Brasil Eucarístico

O Brasil, «país à sombra da cruz nascido, organizado em nação

(8) Pe. Ch. de Keyser s.s.s. — "Les Prêtres du T.S. Sacrament", Paris 1939, p. 151.

(9) Pio XII ao Cong. Euc. Intern. do Rio: A.A.S., XLVII, 555.

à volta do Altar e do Trono eucarístico, que na Eucarístia encontrou as melhores energias para «fazer cristandade» e para assegurar, com feitos memoráveis a integridade da pátria e a unidade da fé» (10), não poderia deixar de ter voltadas sobre si as atenções da Congregação do Smo. Sacramento.

Graças a essa alma eucarística de escól, que foi o saudoso Cardeal Leme, os Padres Sacramentinos viram-se de posse da grande igreja de Sant'Ana, no Rio de Janeiro, na qual se estabeleceu solenemente o Santuário Nacional da Adoração Perpétua, a 3 de maio de 1926. Sete anos depois, em 1933, é na capital paulista que se levanta um segundo trono eucarístico, na igreja da Boa Morte, alí permanecendo até 1938, data em que é transferido para a Igreja de Sta. Efigênia. O III.º Congresso Eucarístico Nacional de Belo-Horizonte, na realidade, não foi encerrado, pois o seu último ato — a ereção de um Trono de Adoração Perpétua, na igreja da Boa Viagem — perdura ainda hoje num magnífico movimento de devoção eucarística. No ano seguinte, 1938, a «rede de fogo» em terras brasileiras recebe mais um ponto de apôio — é o cenáculo de Fortaleza. A fundação seguinte foi a do Seminário Sacramentino, em 1942, no pitoresco bairro de Sta. Tereza, aos pés do Cristo Redentor do Corcovado. O Ano Santo, 1950, assinala o início da construção dum grande Noviciado em Monte Santo de Minas, atualmente em vias de acabamento. Desde 1943, o Noviciato funciona na capital mineira. Em 1951, é sobre Pôrto Alegre, que se irradiam as graças eucarísticas do Trono da Igreja das Dores. Um segundo Seminário Menor é estabelecido em Caucáia, perto de Fortaleza, em 1943, e dois anos depois, um terceiro vem abrir-se em Estância Variante, não distante de Pôrto Alegre. (11).

No recente Capítulo Geral da Congregação (1955) a Vice-Província do Brasil foi constituída «Província do Coração Eucarístico de Jesus», abrangendo as casas do Rio (Sta. Ana e Sta. Tereza), S. Paulo, Belo-Horizonte e Monte Santo. Os outros cenáculos do norte e do sul estão incorporados à Província da Holanda.

A chama eucarística, encontrando ambiente propício, alastrou-se rapidamente nesta nação que «entrou na história, sob o signo da cruz de Cristo e com o viático de Jesus Sacramentado no coração» (12).

(10) Pio XII, id., ibid.: A.A.S., XLVII, 556.

(11) Não podemos deixar de citar ainda o estabelecimento no Brasil de cinco Tronos de Adoração Perpétua pelas Servas do Smo. Sacramento, ramo feminino da Congregação fundada pelo Bem. Pe. Eymard.

(12) Pio XII ao IV Cong. Euc. Nac. S. Paulo: A.A.S., XXXIV, 266.

Apesar do número exíguo de sacerdotes, podemos afirmar que a influência da Congregação se faz sentir de modo marcante nesses pontos privilegiados do Brasil. Alí, vicejam, de maneira confortante, a Fraternidade Eucarística, a Guarda de Honra, a Agregação e a Adoração Noturna — que causa admiração em todo o mundo —, as horas mensais de adoração das diversas classes sociais e profissionais, as Semanas Eucarísticas, verdadeiros Congressos Eucarísticos em miniatura, etc.. Uma revista mensal, «O Apóstolo do Smo. Sacramento» de caráter popular, procura avivar e esclarecer entre os fiéis a devoção eucarística. A contribuição dada pela Congregação ao Congresso Eucarístico Internacional do Rio não foi, sem dúvida, a das menos valiosas, qual seja o volume dos esquemas de pregações sobre o temário do Congresso.

Foi considerando toda essa florescência das Obras da Congregação que o Revmo. Pe. G. Spiekmann, DD. Superior Geral, escrevia numa de suas Cartas Circulares: «em certos países, as nossas igrejas são verdadeiramente o centro dum grande movimento eucarístico, de sorte que todas as paróquias com as suas associações e grupos de Ação Católica são como que empenhados num serviço de adoração, em união com a Congregação: penso aqui especialmente no Brasil». (13).

Ao encerrar-se o IV.º Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, o Sto. Padre Pio XII dirigia estas palavras ao povo brasileiro: «Amados filhos do católico Brasil! «Videte vocationem vestram! Vêde e considerai bem a vossa vocação! Deus fadou-vos para serdes uma das grandes nações católicas da Igreja, na América, no mundo. Nessa vocação está cifrada a maior glória, a maior grandeza, a verdadeira felicidade do Brasil. Mas essa grandeza impõe deveres, acarreta responsabilidades... não só de adorar, de amar, de receber, mas de viver a Eucaristia, mistério de fé, mistério de amor, mistério de vida!» (14).

É nesse sentido a missão dos Sacramentinos no Brasil. Realizando o ideal do seu Fundador e atendendo à advertência do Sto. Padre, a Congregação do Smo. Sacramento procura justamente não só fazer adorar, amar e receber, mas, sobretudo, viver a Eucaristia, servindo-se de seus meios típicos de apostolado eucarístico, e instilando nas almas a ela confiadas a espiritualidade do Bem. Pe. Eymard.

(13) "Analecta Congr. SSmi. Sacram.", vol. II n.º 8 p. 225.

(14) A.A.S., XXXIV, 269-270.

Celebrando o Centenário

A Congregação do Smo. Sacramento, fundada em Paris, a 13 de Maio de 1856, pelo Bem. Pe. Pedro Julião Eymard e que recebeu o Breve Laudativo de S.S. o Papa Pio IX a 6 de janeiro de 1859, foi por êste definitivamente aprovada no dia 8 de maio de 1863.

Com uma missão bem definida na Igreja, possuindo meios característicos de apostolado e animada por uma espiritualidade própria, desenvolveu-se por todo o mundo.

Ao completar o seu Primeiro Centenário, podemos afirmar que a Congregação do Smo. Sacramento tem sido fiel à missão que lhe destinou o Pe. Eymard e a Igreja. Os fatos acima apresentados bem o demonstram, e a prova disso é que, ao lado do progresso — no plano horizontal — de expansão da Congregação, se verifica, ultimamente de modo mais intenso ainda, acentuado movimento — em linha vertical — de penetração e assimilação da Espiritualidade que nos foi legada pelo Fundador. A êsse fim destinam-se as edições críticas de seus escritos (15), os Comentários das Constituições, o curso de Espiritualidade organizado em Roma e especialmente o importante volume publicado recentemente sobre a Espiritualidade do Pe. P. J. Eymard.

Cremos, pois, que será com suficientes motivos que o Corpo Místico poderá regozijar-se «*guadere cum gaudentibus*» — com a nossa Congregação, esta pequenina porção que procura realizar o grande ideal do «Campeão do Smo. Sacramento» (16) quando dizia: «Glória a Deus! Sim, que venha o Seu Reino! É o que peço continuamente: que venha o Reino do seu Amor e se estenda sobre tôda a terra e a consuma com fogo celeste e eterno!» (17).

(15) Foi editada, no ano passado, pela Ed. Vozes a tradução portuguesa de 5 volumes dessa edição crítica dos escritos do Pe. Eymard, intitulados: "A Sma. Eucaristia".

(16) Pio XII, Discurso ao III Cong. Nac. dos Sacerdotes Adoradores da Itália, 1939.

(17) Carta do Pe. Eymard a 5 de setembro de 1856: *Lettres*, IV, 143.

O ÚNICO NECESSÁRIO

Ir. Águeda Francisca

«Como é amável a vossa morada, Senhor dos exércitos! Suspira e desfalece a minha alma pelos átrios do Senhor!» (Sl.84,1)

O nosso tempo se consome numa pressa e irrequietação febril, na caça de bens materiais e espirituais. Também entre as religiosas se encontram não poucas que, de modo lamentável, parecem desconhecer o essencial de sua santa vocação. Não põem sua atenção principal na união com Deus, na vida de oração, mas sim na atividade exterior de que são encarregadas. Talvez trouxessem do mundo êste espírito do tempo sem conseguir na vida religiosa desfazer-se dêle. Ou elas se dedicam com tanto zelo aos trabalhos impostos pela obediência que o mesmo, no correr dos anos, degenerou em paixão. Sim, há uma paixão de atividade, um certo furor de ação que pode causar grande prejuízo, mormente em conventos femininos, porque, sem que se faça sentir, seguramente afasta do único necessário, roubando ao coração a santa finalidade da vida religiosa: a íntima união com Deus.

E verdade, as exigências do tempo moderno são enormes quanto à atividade das religiosas na esfera da educação, instrução, enfermagem e das obras sociais, de modo que é necessário empenhar tôdas as fôrças para manter-se na altura. Muitas religiosas estão obrigadas a entregar-se, de manhã até à noite, a uma atividade cheia de distrações e que lhes exige o empenho máximo das fôrças físicas. Está bem, mas tudo isto não pode dispensar o primeiro e supremo dever da religiosa: procurar, antes do mais, o reino de Deus e sua justiça. Êste dever não só consiste em geral em promover e aspirar a honra de Deus, o que visa tôda a nossa atividade exterior, mas é um dever bem determinado e positivo: devemos dedicar uma parte precisa e importante do dia aos exercícios do culto divino e ao cuidado pelo progresso de nossa vida espiritual. Certos exercícios espirituais, marcados para dias e horas determinados,

pertencem à essência da vida religiosa, tanto que a Igreja não reconheceria como Congregação religiosa uma associação, embora excelente em sua atividade exterior, que quizesse ocupar-se com as obras de caridade excluindo o elemento religioso.

Não pretendemos preconizar um piedoso ócio que procurasse dispensar-se de qualquer serviço e esforço para embalar-se em doces sentimentos religiosos. Quem se filiou numa Congregação ativa, sabia de antemão que deveria tomar parte em seus trabalhos. E se a obediência lhe impuser um cargo, deverá aceitá-lo alegre e dócilmente, por amor a Deus e em espírito de penitência. A menor e mais insignificante obrigação lhe há de ser sagrada e importante, não negligenciará nem o pontinho do i. Mas ninguém, nem a Santa Regra, nem a vontade da Superiora há de exigir que o trabalho seja preferido à oração, que seria descurar as mais santas e nobres obrigações do estado religioso. Oh! não, não escolhemos a vida religiosa para sermos apenas uma roda na máquina da atividade exterior. O que nos impeliu foi o desejo de, na mais íntima união com Deus, aspirar à perfeição.

Membros de uma Congregação ativa não podem considerar bastante a advertência do Divino Salvador à Marta em sua preocupação de servir o Divino hóspede. E' de notar que não se encarregara de serviços supérfluos, nem de futilidades, nem de insignificâncias — coisas semelhantes também não fazem parte de nossa ocupação — era serviço de amor ao próximo e dum amor que visava diretamente a pessoa sagrada de Jesus. Era, sua preocupação de servi-LO de modo melhor, certamente em si a mais santa e louvável atividade que possa haver; contudo Jesus adverte: «Marta, Marta, andas muito inquieta e te preocupas com muitíssimas coisas, uma só coisa é necessária». Qual é esta única coisa? O que Maria escolhera: a íntima união com Deus, a vida de oração, pela qual a alma aspira diretamente a seu fim eterno, único, último e supremo. Em comparação com êste fim, tudo mais é coisa secundária, embora seja a mais nobre, a mais grandiosa atividade. Cada religião, não só aquela que escolheu a vida contemplativa, está obrigada em primeiro lugar a uma vida de união com Deus. Nada a pode dispensar disto, nem a premente atividade exterior, por tratar-se do principal dever do seu estado, do mais santo e mesmo essencial. As religiosas contemplativas sempre têm esta sua obrigação perante os olhos, não a podem esquecer, nem preterir, porque tudo que fizerem está em direta relação com a mesma. Nós, porém, no meio das exigências profanas como que no movimento agitado de uma feira, sempre estamos em perigo de, por causa de ninharias e

nonadas, perder de vista o único, o supremo, o eterno. Por isso é que o Salvador, suave mas sèriamente nos adverte na pessoa de Marta, o modelo da vida ativa: «Não te preocupes tanto, deixa a demasiada atividade, os cuidados supérfluos por coisas secundárias, uma só coisa é necessária! A êste único necessário dá o primeiro lugar!»

Ainda temos uma insistente advertência nas palavras de São Paulo quando se refere à possibilidade de ser êle mesmo reprovado depois de ter pregado aos outros (I Cor. 9,27). Todos os que trabalham em favor de outrem, a deverão considerar para que não descurem o bem da própria alma, nem mesmo por causa do mais nobre motivo — a salvação eterna do próximo. Pois a grandiosa, sublime atividade do Apóstolo, tão agradável a Deus, a que o impeliu o amor a Cristo, não o podia dispensar do cuidado pela própria alma. Como poderíamos nós imaginar que nossa humilde atividade, muitas vêzes imperfeita por causa de falta de atenção, pudesse, perante Deus, valer como substituição dos exercícios espirituais? Oh! não há trabalho que possa suprir a oração. No serviço de caridade pode dar-se o caso singular que torne necessário adiar a oração, ou que sancione a omissão. Pois há casos em que a santificação do domingo é preterida a um trabalho urgente ou um auxílio inadiável. São exceções da regra que nunca a devem abolir e só aplicar-se por necessidade premente. Não fará mal se qualquer serviço, embora desejável, mas não de absoluta necessidade, fôr adiado para o dia ou semana seguinte, mas seria um grande mal para a alma da religiosa, se fosse descurado, por culpa ou vontade própria, o serviço devido a Deus nos exercícios espirituais.

Há religiosos que julgam depender o êxito, o bem de sua casa, até a prosperidade da Congregação inteira, de sua importantíssima atuação exterior. Oh! não, tudo depende da bênção de Deus! E isto não só nos tempos sossegados dos nossos maiores: ainda hoje, em nosso tempo de propulsão febril, a bênção de Deus é o fundamento de todo o progresso razoável. Se o mundo, em sua insensatez, o esquecer para seu próprio prejuízo, deverá ser lembrado na vida religiosa. A bênção de Deus é condição básica para o êxito de nossa atividade! E ela descera em abundância lá, onde fôr procurada sem cessar, com zêlo solícito. Se todos os membros da Congregação tomassem por cuidado principal procurar em primeiro lugar o reino de Deus pelo diligente cumprimento das obrigações religiosas e, ao mesmo tempo, como o juízo e a obediência pedem, trabalhassem conscienciosamente na esfera que lhes assiste, então «tudo mais — o Divino Salvador o promete — lhes será dado de acréscimo». Como

o negociante dá ao freguês que acaba de fazer uma compra importante, um presentinho em sinal de reconhecimento, assim se aspirarem seriamente ao único necessário, Deus lhes dará tudo mais de que precisarem, seja para o sustento próprio ou do próximo, seja para ter êxito no trabalho ou prosperidade da Congregação. O terreno, comparado com o eterno, é sempre coisa de menos importância. A generosidade e liberalidade de Deus têm limites só nos planos de sua sabedoria e providência. Afastemos, portanto, do nosso coração todos os cuidados terrenos, todos os pensamentos inúteis em nossos trabalhos, pois são distrações indignas diante da face de Deus. Muitas vezes nós nos preocupamos com êles sem escrúpulos, embora nos privem do fruto das nossas orações. Não omitamos levianamente nem o menor exercício espiritual, atendamos com alegre pontualidade ao sinal da sineta que nos chama à oração. Consagremos com calma e sem abreviá-los e sempre que a obediência o mandar ou permitir, a Jesus que no tabernáculo aguarda a nossa visita, os poucos minutos de silenciosa adoração. Não só a nossa alma há de sentir sua bênção. Nossa atividade na casa, no campo, na horta, no jardim, na aula e nas enfermarias será mais fácil, mais feliz do que quando, impelidas pela pressa ou zêlo exagerado, roubarmos a Deus e à nossa alma tantos momentos preciosos.

Não nos aflijamos demais quando, devido à idade, fraqueza ou doença já não pudermos trabalhar como quiséramos. Rezemos pela prosperidade da Congregação e, se fôr a vontade de Deus, soframos pelos membros ativos; talvez assim possamos fazer mais pelo bem comum do que por nosso trabalho, muitas vezes manchado pela imperfeição e ambição. Não raras vezes uma Irmã idosa, adoentada, cujas fôrças já não permitem muitos esforços, mas que passa horas e horas perante o Senhor no tabernáculo, recomendando-Lhe com confiança filial as intenções de suas co-Irmãs ativas no serviço do próximo, faz muito, muitíssimo pelo bem da Congregação. Talvez seus silenciosos sacrifícios sejam mais proveitosos do que o trabalho de 10 outras Irmãs que, por sua vigorosa atuação, são tidas como colunas indispensáveis, mas a quem falta o espírito de oração.

Deus nos faça compreender cada vez mais o único necessário. Que o espírito de entrega sem reserva a Deus, de recolhimento, de oração nos atraia sempre mais a bênção de Deus e não há temer o futuro: nas mãos de Deus estamos seguras, seja o que nos sobrevier. «Deus é meu Pastor, nada me falta. E na casa do Senhor habitarei por dilatados dias». (Sl. 88,1-6).

CARTA A UMA SUPERIORA — XI

Revma. Madre

Em meu poder sua carta em que revela os seus temores de que as súditas possam tomar pé de minhas cartas para criticar as Superiores. Quero sossegá-la pensando, antes de tudo, no bom espírito de suas filhas. Em segundo lugar, êste punhado de conselhos é dirigido às novas Superiores, pois as provecas não precisam. Ora, é do meio das súditas que saem cada dia as novas Superiores. Em terceiro lugar, não é escondendo certas misérias que elas deixam de existir.

O conselho dêste cartão vai numa palavra só: PRUDÊNCIA. Prudência exige muitas outras virtudes, pois como dizem os teólogos, a prudência é uma espécie de coordenadora de tôdas as virtudes. Portanto quem não tem prudência não pode ter as outras virtudes. A mesma divina escritura nos diz que a prudência é própria dos velhos; mas as Superiores pelo ofício que assumiram e que implica numa sublime maternidade espiritual, devem ser amadurecidas na prudência, ainda que não o sejam na idade.

A Superiora para ser prudente deve antes de tudo aproveitar todos os recursos intelectuais recebidos de Deus e adquiridos no decorrer dos anos. Deve estudar o ofício da Superiora à luz do Evangelho, das Constituições e do Espírito da Congregação. Deve por outro lado, estudar cuidadosamente o elemento humano que tem em mãos. Deixando de lado lamúrias inúteis acêrca dos males de nosso tempo, do mau espírito das religiosas do nosso tempo etc., aplique-se a formar e governar as súditas que Deus lhe deu, tal como são. É isso que Deus deseja da Madre.

Prudência no falar. Não seja amiga de confidências. Até as paredes têm ouvidos. Até os mudos falam.

Prudência para não revelar defeitos alheios a ninguém, a não ser nos limites do Evangelho, tão rigorosos e tão divinos.

Prudência nas atitudes; quando não houver urgência, siga êste conselho um tanto diferente, do que está acostumada a ouvir: o que podes fazer hoje, deixa-o para amanhã. Assim terá tempo de consultar o melhor conselheiro do mundo: o travesseiro.

Prudência no corrigir. Corrija-se dez vêzes antes de corrigir as suas súditas. E quando tiver de corrigir, outra vez: muita prudência, para

não ofender, para não dizer mais do que é necessário, para não comprometer terceiros, etc.

Prudência na mortificação, na comida, na doença. Prudência no tratamento com as pessoas estranhas.

Já sei que não se consegue a prudência num dia, mas é necessário conseguí-la, custe o que custar.

E neste cartão terá muita coisa para meditar.

Servo em Cristo.

P. Geraldo Fernandes CMF



O PROBLEMA FINANCEIRO DAS MISSÕES CATÓLICAS

Frater Wolfango S. V. D.

Seminário do E. Santo

Sto. Amaro — S. Paulo (cap)

Sendo a Igreja de Cristo uma instituição tanto visível como invisível, assiste-lhe o direito e a necessidade de possuir meios materiais para sua vida neste mundo. Por conseguinte requer também um fundo financeiro para seu desenvolvimento externo. Desta razão teológica deriva-se não somente o direito da Igreja Católica a bens temporais, mas segue logicamente o dever de prover os meios materiais para seu crescimento externo.

Limitamos o tema ao campo missionário. É com preocupação que o próprio Santo Padre determinou a intenção missionária do mês de outubro de 1955: "Para que o ímpeto missionário na África não desfaleça por falta de recursos financeiros", e a do mês de outubro de 1956: "Para que se possam satisfazer as necessidades atuais das missões, pela generosidade de todos os fiéis".

Todos os conhecedores da situação na África concordam que neste continente vencerá aquele que possuir os meios mais modernos da técnica na difusão de suas doutrinas. Em outras palavras: vencerá quem dominar a imprensa, rádio, televisão, cinema. Aquele que desenvolver maior atividade, graças ao número suficiente dos mais modernos meios de transporte (inclusive aviões) e de enfermagem. De fato, a hora atual da África é a mais prometedora, a mais propícia. Nunca antes os missionários podiam ter tantos meios à disposição. Não esqueçamos, porém, que também outras ideologias trabalham com máximo esforço para conquistar o mundo. (O que dizemos da África vale, "mutatis mutandis", de outras terras também).

Em primeiro lugar avulta o Comunismo. Escreve um missionário: "O Marxismo conquista os corações rapidamente". O abade de um

mosteiro budista diz: "Há somente duas ideologias, e uma delas há-de conquistar a todos: ou o Comunismo, ou o Catolicismo". E um estudante do Japão escreve: "Quem vencerá? os propagandistas nas esquinas ou vós católicos?" — O Comunismo não poupa esforços para divulgar sua doutrina. Há pouco inaugurou-se na universidade de Taschkent (Rússia) um Instituto de Estudos Africanos. O mesmo já existe em Moscou e Leningrado. Nas escolas superiores africanas oferecem-se aos estudantes negros vôos gratuitos à URSS ou a outros países satélites, a fim de poderem participar das mais variadas conferências comunistas. Número inesgotável de livros e brochuras marxistas está à disposição dos africanos. Ao que parece o Comunismo procura influenciar de modo especial a próspera região da Costa do Ouro que neste ano de 1956 receberá sua independência da Inglaterra.

Em segundo plano surgem os protestantes e outras denominações que a poder de rios de material, bíblias gratuitas, rádio, clínicas, T.V., superam os esforços dos católicos. (Caso análogo observamos aqui no Brasil).

Compreendemos assim as preocupações do Santo Padre. E compreendemos também que se os missionários católicos tivessem mais recursos, poderiam realizar muito mais. Às vezes, porém, falta-lhes até o necessário para o sustento. Da distribuição gratuita de bíblias católicas, nem se fale.

Surge então a pergunta: quais as causas de um fundo financeiro tão insuficiente nas missões católicas? Não é fácil responder. Contudo procuraremos focalizar alguns pontos principais.

O escopo missionário da Igreja Católica difere essencialmente daquele dos demais credos. Para os protestantes, p. ex., é suficiente pregar a doutrina e batizar. Para o missionário católico isto não basta. Ele deve colocar os neófitos em ambiente idôneo ao desenvolvimento da vida católica. Daí a necessidade de construir escolas, levantar igrejas, formar catequistas. Claro que isto absorve somas enormes, somas que outras religiões empregam na conquista de novas almas. Façamos aqui uma comparação: no ano de 1953 o Brasil ocupou destacado lugar entre as nações, juntando para fins missionários a fabulosa soma de 12 milhões de cruzeiros.

Todo este dinheiro, porém, mal bastaria para construir uma catedral na Costa do Ouro. Para os comunistas ou protestantes destinar-se-ia exclusivamente a fins propagandistas ou subvenção de escolas.

Tendo em vista o número superior dos católicos, deveria ser fácil equilibrar este gasto maior das nossas missões. Há no entanto várias circunstâncias que impedem tal equilíbrio. Primeiro, o exército missionário católico supera em número ao de qualquer seita, requerendo portanto maiores recursos o seu sustento. Depois, ao contrário do fanatismo dos adeptos das seitas que contribuem com somas avultadas, a maioria dos católicos não prima pelo desinteresse e pelo fervor. Além disso não se deve esquecer que o campo católico das missões é muito mais vasto que o de qualquer outro credo, o que impede a concentração de grandes somas num só território. Finalmente, muitas seitas contam com um fator valioso para o financiamento das missões: o dízimo.

Admitimos que as obras sociais não são fim primário da missionarização, são meios secundários apenas, mas nem por isto podem ser omitidas, já que na maioria dos casos a conversão é ocasionada por essas obras e não por raciocínio do intelecto que descobre a verdade no Catolicismo.

As estatísticas demonstram de forma patente não ser o povo católico menos generoso que os adeptos de outras doutrinas. Provas disso apresentou o 36.º Congresso Eucarístico Internacional com seus cálices e ostensórios preciosíssimos.

Na época de mecanização em que vivemos, porém, não são somente os utilitaristas que pleiteiam a favor de um emprêgo social das dádivas, chamando a atenção do perigo de um acúmulo de bens irremovíveis que facilmente se perdem sem nenhuma utilidade para a dilatação do Reino de Cristo na terra, fato que se deu mais de uma vez na História durante revoluções e saques, haja vista a revolução francesa.

De certo modo não será fácil convencer o povo católico a dar sua contribuição para a fundação de jornais católicos ou de uma rádio católica, em vez de depô-las irremovivelmente em objetos de devoção desproporcionadamente recamados de ouro e pérolas. E parece-nos que precisamente neste leito corre a maior parte da generosidade católica, para depois estagnar-se até sua perda nas mãos dos inimigos da Igreja.

E realmente ouve-se por parte dos missionários a queixa que o dinheiro católico nem sempre é encaminhado conforme às necessidades. Necessidades, entre as quais, é evidente, figuram em primeiro lugar as missões. Aduzimos o exemplo de um missionário da Nova Guiné que escreve: "Nas menores capelas do meu vasto território já possuo jogos

completos dos mais variados paramentos. Tenho, porém, falta premente de toalhas, livros e material catequético”.

A nós religiosos cabe o dever de ajudar a esclarecer os fiéis para não se limitarem a dar objetos que chamem a atenção.

No mês de dezembro de 1955 o Santo Padre nos pediu que rezássemos a fim de que os universitários do Japão ficassem imbuídos de sãos princípios. Atrás desta prece vemos de novo o problema financeiro. Basta recordar as palavras de um dos maiores missionários do Japão: “Aqui no Japão sucede muitas vezes um japonês procurar nas livrarias qualquer livro sobre o tal Jesus de que ouviu falar. Se lhe fôr oferecido, p. ex. o “Jesus Cristo” de Karl Adam, quase infalivelmente chegará ao Catolicismo. Ao contrário, se lhe cair nas mãos a obra de Renan ou de Strauss, o Catolicismo estará liquidado de uma vez por todas». Vale, portanto, também aqui: se os missionários dispusessem de livrarias ou ao menos de muitos e bons livros...

Quanto ao aspecto moral do financiamento das missões, façamos breve confronto entre a situação hodierna e a da Igreja primitiva. No cristianismo dos primeiros séculos era costume que os recém-convertidos tentassem retribuir a graça da Fé por um apôio material de seus bens, sem pensar jamais em poder pagar a dita da graça santificante. Hoje é diferente. As crianças são batizadas, crescem os católicos na religião sem se lembrarem dêste dom impagável, e por consequência, sem sentirem obrigação moral de retribuírem ao menos com bens materiais. Nas terras de missões os convertidos em geral nem poderiam fazê-lo devido ao baixo nível econômico em que vivem. Esta é também uma explicação para a constante anemia financeira de que sofrem mormente as congregações missionárias.

Terminando a breve exposição do problema financeiro das missões católicas concluimos que também o lado material das missões merece nossa oração. E esta conclusão vem confirmada pela exortação do Santo Padre que nos manda rezar ao Senhor da messe para que junto dos ceifeiros haja também gadanhas, isto é, meios materiais.



COMUNICAÇÕES

LEI Nº 2.756 — de 17 de Abril de 1956

Concede isenção de sêlo nos recibos das contribuições destinadas a quaisquer instituições de assistência social, que estejam registradas no Conselho Nacional do Serviço Social.

O presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º É concedida insecção de selo nos recibos das contribuições destinadas a quaisquer instituições de assistência social, que estejam registradas no Conselho Nacional do Serviço Social.

Art. 2.º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 17 de abril de 1956; 135.º da Independência e 68.º da República.

JUSCELINO KUBITSCHKE

José Maria Alkmim

DO SERVIÇO DE VIAGENS — Correspondência

“Desejoso de manifestar minhas impressões sobre as viagens que fiz com os navios Bretagne e Provence da companhia «Société Générale de Transports Maritimes», afirmo com muito prazer que estou bem satisfeito. São navios rápidos, camarotes bons, com excelente sistema de aeração, muita distinção no acabamento das salas comuns e no serviço do pessoal, cozinha e mesa, embora sendo tipicamente francesas, de imediato agrado para todos pelo esmero e boa variação, instalações exemplares para celebração de missas, somente se encontrando dificuldade para celebrar nos dias em que o navio entra cedo nos portos, não se facilitando então madrugar. Fiquei também gratamente servido na preparação da viagem pelo Serviço de Viagens da C.R.B., principalmente na parte de substituição quase total para corridas às repartições oficiais.

Pe. Paulo Van de Zandt C.S.Sp.

CONVENIO DA C. R. B. COM A SINGER

Pelo convênio concluído entre a C.R.B. e a Singer, tôdas as Instituições Religiosas do Brasil, nossas associadas, gozarão de um desconto especial de vinte por cento (20%) sôbre o preço em vigor das máquinas de costura "Singer". As máquinas serão entregues embaladas, nas cidades onde a Companhia mantém Agências, sem qualquer onus extra, exceto o frête entre as referidas Agências e o ponto de entrega, que correrá por conta da Instituição. Damos a relação das cidades onde a Companhia mantém Agências: Niterói. Barra do Piraí, Barra Mansa, Nova Iguaçu, Campos, Petrópolis, Belo Horizonte, Itajubá, Poços de Caldas, Juiz de Fora, Uberaba, Uberlândia, Vitória, São Paulo, Taubaté, Santo André, S. Caetano do Sul, Araraquara, Ribeirão Preto, Baurú, Marília, Campinas, Jundiaí, Piracicaba, Ourinhos, Presidente Prudente, Santos, Botucatu, São José do Rio Preto, Araçatuba, Lins, Goiânia, Londrina, Apucarana, Curitiba, Ponta Grossa, Florianópolis, Blumenau, Joinville, Pelotas, Bagé, Rio Grande, Santa Maria, Porto Alegre, Campo Grande, Recife, Caruarú, Garanhuns, Manaus, Belém, São Luiz, Terezina, Fortaleza, Sobral, Crato, Natal, João Pessoa, Campina Grande, Maceió, Aracajú, Salvador.

NOVAS FUNDAÇÕES

Nanuque — Nordeste de Minas. — O Vigário da Paróquia necessita de uma Congregação de Irmãs que, animadas de verdadeiro espírito missionário, possam colaborar no apostolado paroquial e na educação da juventude. Foram já iniciadas várias obras educacionais para fazer frente às iniciativas do protestantismo, espiritismo e maçonaria que tudo estão fazendo para afastar a mocidade da ação benéfica da Igreja. Já estão funcionando, em prédio próprio, o curso primário paroquial e um curso básico de comércio. Por falta de pessoal que se dedique a êsse campo de apostolado, o Vigário vê-se na contingência de abandonar essas obras iniciadas com muitos sacrifícios, com o perigo de ter que ceder na luta, ficando tudo em mão de inimigos de nossa santa religião.

Massapé — Ceará. — A prefeitura Municipal determinou passar a uma Congregação Religiosa a propriedade do Ginásio Massapeense, in-

cluso o material escolar e demais instalações, sob a única condição de ser o mesmo mantido por Congregação Religiosa, e de permanecer instalado e funcionando na sede do município de Massapê. O Ginásio está sob o regime de Inspeção Federal, tendo matriculado no 1.º ano ginasial 47 alunos. Possui sala para Diretoria, uma Secretaria, 4 salas de aula, sala especializada para Desenho, uma para Geografia e uma biblioteca, tudo de inteira conformidade com as exigências técnicas do Ministério. Completo também o material de ciências, desenho etc., com projetor de cinema e coleções de filmes. Também completa a parte que se refere à educação física, com campo de voley, área coberta, banheiros, chuveiros etc. Quaisquer outros esclarecimentos úteis serão prontamente prestados pelo Diretor do Ginásio ou pela Prefeitura local.

Baependi — Minas Gerais. — Cogita-se de doar a uma Congregação Religiosa o "Ginásio Nossa Senhora de Montserrat", para o sexo masculino. O educandário, que se encontra em funcionamento regular há três anos, está se servindo provisoriamente, de um prédio alugado, devendo, porém, estar concluído até novembro deste ano, o prédio próprio, já em construção. O terreno onde está sendo construído mede, aproximadamente 12.400 metros quadrados, está localizado à entrada da cidade e é abastecido por água própria. Comporta perfeitamente além do Ginásio, Casa de formação religiosa.

A cidade de Baependi fica a 900 metros de altitude, é dotada de ótimo clima; está situada no sul de Minas Gerais, distante de Caxambú apenas 15 minutos; é servida por 6 trens diários. Sua comunicação com o Rio, São Paulo e Belo Horizonte é grandemente facilitada, não só devido aos diversos trens diários, como pelas linhas de ônibus e aviões existentes. A população do Município é de 17 mil habitantes. Cidade tradicionalmente católica, sendo atualmente sede da Congregação das Irmãs Terceiras Franciscanas de Nosso Senhor.

A doação proposta se baseia em condições inteiramente favoráveis à Congregação, sendo certa que o Governo Municipal, além de auxiliar nas construções que se fizerem, manterá uma subvenção fixa, anual. Na cidade existe, ainda, o Ginásio-Escola Normal Santo Inácio, dirigido pelas Irmãs Franciscanas, destinado ao sexo feminino.

Para melhores informações e apresentação à Diretoria do Ginásio, os interessados poderão se dirigir a Frei Jacinto de Pallazzolo, no Convento dos Capuchinhos, no Rio de Janeiro.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Um Congresso dos Irmãos Leigos da Ordem dos Mínimos.

Na Casa Generalícia da Ordem dos Mínimos foi realizado, de 24 a 26 de abril, um Congresso de atualização para os Irmãos Leigos dos Conventos da Itália.

O Congresso, aprovado e elogiado pela Sagrada Congregação dos Religiosos, teve como finalidade o estudo da vida religiosa em seus aspectos gerais e particulares para o Irmão Leigo da Ordem dos Mínimos.

Abriu oficialmente o Congresso o Pe. Patricelli, Assistente Geral da Ordem, que fez também as meditações. Evocava à memória dos Religiosos o dom sublime da vocação ao estado de perfeição, que pode ser conseguido pelo Irmão Leigo Mínimo, se, valorizando sobrenaturalmente seu trabalho manual, souber seguir a Deus na observância escrupulosa dos votos, vivendo o espírito da Regra do Fundador e cumprindo fielmente o ofício que a santa Obediência lhe confiou. Vivendo uma vida intensamente eucarística, os Irmãos Leigos podem superar as dificuldades que se opõem à sua ascensão para a perfeição.

Foram estudados os seguintes assuntos:

1.º “O que deve saber e praticar o Irmão Leigo no exercício de seus deveres religiosos” (Pe. A. Polidoro, Definidor Geral O.F.M.);

2.º “O conceito da vida religiosa em seus aspectos gerais e particulares para o Irmão Leigo Mínimo» (Pe. Mandelli, I.M.C., Oficial da S. Congregação dos Religiosos);

3.º “A vocação do Irmão Leigo e sua importância atual” (Pe. E. Gambari, S.M.M., Oficial de S. C. dos Religiosos);

4.º “Noções de economia doméstica em relação à manutenção e funcionamento das casas religiosas» (Pe. Avitabile, Procurador Geral).

Com palavras paternais o Pe. Francisco Savarese, Geral da Ordem, inculcou nos Irmãos a exata observância da S. Regra, única âncora que assegura à Ordem a perene vitalidade, única estrada que leva ao céu.

O Congresso foi encerrado por Sua Excia. Revma. o Pe. Arcádio Larraona, Secretário da S. C. dos Religiosos. Depois de ter feito uma síntese completa de tudo o que no Congresso foi estudado, Sua Excia. exortou os Irmãos a viverem integralmente a própria vocação, desempenhando seu próprio dever com cuidado e amor.

A bênção Papal foi penhor de graças sobre os trabalhos realizados.

Uma Religiosa descobre vacina contra a lepra. Irmã Maria Suzanna, das Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria, descobriu no laboratório de pesquisas sobre a lepra da Universidade de Lião, uma vacina contra a lepra, chamada "marianum". Desta nova descoberta muito se falou no Congresso que os peritos nessa doença realizaram em Madrid em 1953 e no de Roma, de abril p.p., para a defesa e reabilitação do leproso. Milhares de doses foram já enviadas aos 80 centros do mundo, onde está sendo experimentado, de modo especial em Nden, no Camerum, e em Carville, nos Estados Unidos. Em Nden, o sistema de cura com a vacina de Irmã Maria Suzanna foi introduzido há seis anos e os resultados estão sendo estudados e classificados cientificamente pelo Dr. Blanc e seus colaboradores. Dada a particular natureza da lepra, serão necessários muitos anos antes que seja possível dar um juízo definitivo sobre as propriedades de cura e imunização do novo remédio que é enviado gratis a quantos o pedirem. Irmã Maria Suzanna, que passou sua vida no meio dos leprosos, espera encontrar os meios necessários que lhe permitam continuar o desenvolvimento de sua obra.

Nova fundação do Instituto das Irmãs de Caridade de N.S. das Mercês. — No dia 31 de maio realizou-se na cidade de São Paulo a inauguração oficial do "Lar Nossa Senhora das Mercês" com sede na rua das Rosas, 179 (Jabaquara). Às 8,30 h. foi oficiada a Santa Missa por S. Excia. Revma. Dom Paulo Rolim Loureiro, Bispo Auxiliar de São Paulo. Assistiram à solenidade a R. M. Provincial, a R. M. Secretária Provincial e outras Madres e Irmãs do Instituto, bem como várias famílias amigas. A finalidade deste Lar é acolher mediante módica retribuição, senhoras solteiras e viúvas, proporcionando-lhes um ambiente religioso, saudável e de tranquilidade. Na medida do possível, prestará a mesma assistência a pessoas desprovidas de recursos financeiros. São quatro as Irmãs que formam a Comunidade desta nova Casa, e cheias de entusiasmo estão prontas a trabalhar pelo bem estar espiritual e material das pessoas que nela se acolherem, para a maior glória de Deus.

Da Secção Estadual do Ceará —

"Com grande satisfação venho comunicar a VV. Rvma. que em abril foi instalada a Secção Estadual da C.R.B.

As palavras que nos foram dirigidas encontraram eco profundo nos corações dos Religiosos de Fortaleza, despertando nêles o entusiasmo

para uma realização sempre mais eficiente do apostolado de atualização e organização dos Religiosos, iniciado à sombra protetora do manto de Maria, no Congresso de 1954.

Muito sinceramente agradecemos por nos ter feito sentir o que é a Conferência dos Religiosos do Brasil e a informação que nos deu sobre sua situação atual e, mais ainda, a magnífica oportunidade de organizarmos a Secção Estadual antes do II Congresso. Pela dedicação e interesse que nos demonstrou lhe somos imensamente gratos, bem como por ter programado, entre as atividades previstas no próximo Congresso, um encontro das diretorias das Secções Estaduais, pois os objetivos dessa reunião vêm exatamente nos dar a orientação de que necessitamos.

Para a instalação de nossa Secção contamos com o pleno apôio do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Antônio de Almeida Lustosa, que nos convocou a 11 de maio p.p. presidindo êle mesmo a Sessão na qual nomeou e empossou os membros da Diretoria da Secção e as Presidentes dos dois Departamentos novos: o de Catecismo e o de Assistência à Saúde, determinando que elas completassem depois os respectivos quadros.

Como é do conhecimento de V. Revma., o Departamento de Serviço e Assistência Social funciona desde outubro do ano passado, tendo já realizado várias de suas atividades.

O Serviço de Viagens já está também prestando sua colaboração principalmente agora com a ida dos Congressistas a São Paulo.

Junto a esta envio a V. Revma. o quadro da organização de nossa Secção.

No dia 10 do corrente tivemos a 1.^a sessão ordinária presidida pelo Revmo. Padre Vaessen C.M. que nos dirigiu sua palavra cheia de zelo e unção, inspirando-se no lema: "Congregavit nós in unum Christi amor". Em seguida o Revmo. Padre Monteiro da Cruz S. J. apresentou-nos idéias claras, sugestivas e oportunas sobre o movimento do "Oasis", apontando-o como meio excelente para cultivar a virtude angélica entre os jovens confiados aos nossos cuidados.

Após esta primeira parte da Sessão, os Religiosos se distribuíram pelos diversos Departamentos, tratando dos assuntos que lhes dizem respeito. A Diretoria do Departamento de Catecismo já está planejando a fundação de um curso de formação de Catequistas, como

uma de suas primeiras atividades. O Departamento de Assistência à Saúde também está estudando que trabalhos poderá realizar. Mas tudo isto será melhor elucidado no próximo encontro das Diretorias Estaduais por ocasião do Congresso.

A Diretoria Estadual fez igualmente sua primeira reunião a fim de programar algumas atividades da Secção. Foi apresentada a sugestão de uma semana de Estudos a realizar-se em fevereiro do próximo ano.

O Revmo. Padre Humberto, responsável pelo Serviço de Viagens, transmitiu aos Religiosos presentes as instruções necessárias sobre as viagens que se farão de 1.º a 31 de julho, com destino a São Paulo ou Rio.

Nota-se um geral entusiasmo, uma vida nova, e se sente que os laços de amizade entre as várias Congregações vão se estreitando sempre mais.

Com as bênçãos divinas e a proteção maternal de Maria Santíssima, a Secção se organizará definitivamente e produzirá frutos após o Congresso, assim esperamos.

Agora que já está completo o quadro geral da Secção, vamos comunicar a tôdas as Comunidades do interior do Estado a instalação da mesma.

Madre Maria da Luz Ferreira, R.S.D., Secretária

Bogotá, sede do Secretariado Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano — Sua Santidade o Papa Pio XII designou Bogotá, capital da Colômbia, como sede do Secretariado Geral do Conselho Episcopal latino-americano. Esta designação é feita "ad nutum Sanctae Sedis". A criação desse organismo fôra decidida pelos Bispos da América Latina em sua conferência do Rio de Janeiro, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, de 1955. O Conselho Episcopal será composto por um representante de cada Conferência Episcopal Nacional, e reunir-se-á em cada ano na sede do secretariado de Bogotá. O Secretário geral do Episcopado Latino-Americano foi designado na pessoa de Mons. Julian Mendoza Guerrero, já secretário permanente do Episcopado colombiano. A Conferência Episcopal de Colômbia designou Sua Excia. Mons. Tulio Botero Salazar, Bispo de Zipaquirá, como seu delegado junto ao Conselho episcopal Latino-Americano.